




Histórias de Ensinar



Coletânea de histórias
contadas por professores

raiz
EDITORA



A Raiz Editora agradece a todos os professores que participaram no passatempo «Histórias de Ensinar» e dá os parabéns aos 31 docentes cujas histórias foram eleitas para constar nesta edição:

Ana Carvalho	Manuela Ortigão
Ana Mafalda Damião	Maria Castro
Anabela Nunes	Maria de Fátima Esteves
Aurora Fernandes	Maria Gonçalves
Carla Alexandre	Maria Jesus Rocha Costa de Sousa
Clementina Marques	Maria Marujo
Dália Botinas	Maria Natália Batista
Fátima Pedro	Nuno Frazão
Fernanda Costa	Paula Porto
Fernanda Santos	Paula Rocha
Gil Santos	Paula Sousa
Isabel Sousa	Saudade Roxo
João Alberto Roque	Susana Costa
Joaquim Gil	Teresa Guerreiro
José Carlos Silva	Vivência Magalhães
Luís Silva	

Título
Histórias de Ensinar

Criação conceptual
OnSpot Marketing

Design
Granu Azul



Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

RAIZ EDITORA

A Raiz Editora é uma marca registada da Lisboa Editora, S. A.

Rua Professor Jorge da Silva Horta, 1
1500-499 Lisboa

Tel.: 21 843 09 10

Fax: 21 843 09 11

e-mail: geral@raizeditora.pt

www.raizeditora.pt

Histórias de Ensinar





Índice

I.	Trabalho de equipa	6
II.	Interações	8
III.	Uma questão de imaginação	10
VI.	O <i>stôr</i> Many Mãozinhas	12
V.	Rebuçados	16
VI.	Não apagues a minha mãe...	19
VII.	Velhos hábitos	21
VIII.	Memórias de uma professora	25
IX.	Problemas, quem os não tem?	27
X.	O valor do Natal	31
XI.	Uma lição	35
XII.	Improviso	39
XIII.	A partida	41
XIV.	O sonho da Constança	44
XV.	Pais e filhos	46

XVI.	Mulher prevenida	50
XVII.	Persistência	54
XVIII.	Jogo de cintura	58
XIX.	Professor solidário	61
XX.	Na aldeia	63
XXI.	Carla, professora de Português	67
XXII.	Tragédia no Douro	69
XXIII.	Dona Mariana	71
XXIV.	A grandeza da diferença	73
XXV.	Luís Pedro (o Grande...)	75
XXVI.	Joaquim <i>Calhau</i>	78
XXVII.	Canivete suíço	80
XXVIII.	O segredo	82
XXIX.	Plano C	84
XXX.	Folhas caídas	86
XXXI.	Pastor por castigo	88





I Trabalho de equipa

Decorria o longínquo ano de 1988.

Formada educadora dois anos antes, tinha exercido num jardim de infância privado quando, numa sexta-feira, fui chamada a concurso: existia a possibilidade de lecionar num jardim de infância público, o que desde sempre fora meu objetivo.

Aturdida pelo inesperado da situação, tive de escolher entre três lugares, sem saber o que me esperava, e, no espaço-tempo de um fim de semana, despedi-me dos 22 meninos e meninas que comigo tinham partilhado o último ano, entre lágrimas e abraços, como só quem se rodeia de afetos saberá.

Na segunda-feira aterrei – literalmente – num jardim de infância de uma freguesia de Ponte de Lima, a cerca de 25 km de casa. Sem carro e sem meios para lá chegar... Quem me levou partiu logo, deixando-me lágrimas a rolar pela cara, quando vi a minha escola: um barracão pré-fabricado, provisório há mais de 20 anos, com tábuas e janelas partidas, cortinas rotas e ratos a passearem lá dentro...

Entrei e dei com quatro criancinhas de olhos esbugalhados, sentadas no chão de madeira – como de madeira era tudo o resto – a olharem para mim com o mesmo espanto com que eu as olhava. Valeu-me uma auxiliar, um verdadeiro anjo da guarda, que me ajudou nesta viagem no tempo, um regresso ao passado sem nunca lá

ter estado... Resolvi, naquela mesma hora, fazer o que pudesse para que aquele jardim recebesse mais crianças e que pudessem ter mais condições. E cada dia passou a ser uma aventura, começando logo pela viagem, uma missão impossível...

Quando a primavera chegou, começámos a sair, à procura dos meninos e meninas que deveriam andar naquela escola. Onde estavam? Porque não vinham? Por carreiros e caminhos de cabras fomos descobrindo, uma a uma, as crianças que faltavam e perguntando porquê. Não era difícil perceber: com tal dificuldade de acessos e a falta de uma cantina que lhes desse a refeição, era inviável frequentarem a escola.

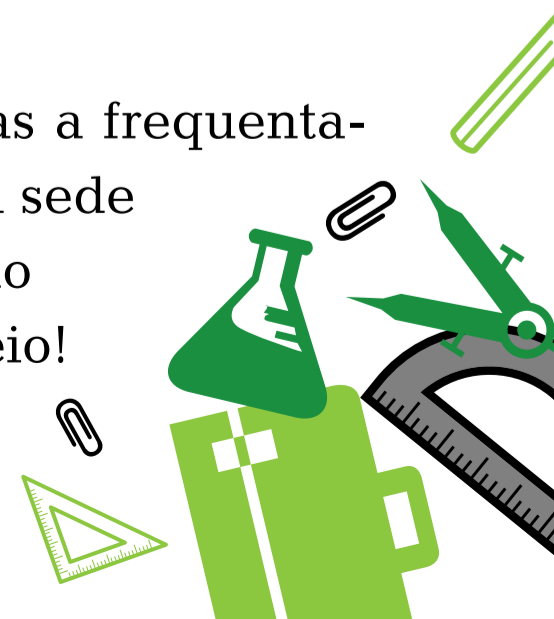
Tentámos resolver a questão, eu e o meu anjo da guarda, inventando uma cantina naquele barracão! De casa da auxiliar, vieram um fogãozinho elétrico e as panelas. De casa dos meninos, vieram as louças necessárias a cada um. Da minha casa, foi uma toalha de plástico, pois quando chovia tínhamos de distribuir bacias pela sala, para apararem as pingas de chuva que caíam como na rua.

E assim começámos a nossa cantina! O quadro de tarefas continha os alimentos a trazer por cada um em cada dia: quem trazia as batatas, as cenouras, a couve, a garrafinha (de cerveja) cheia de azeite. E todos os dias passou a haver sopa quentinha para todos! E os meninos vieram, gostaram e ficaram.

Da sopa diária, aventurámo-nos a experimentar cozinhar algo mais. As compras eram feitas na venda do lado e um frango chegava para todos! Cada refeição custava 30\$00.

Terminei o ano letivo nesse jardim com 12 crianças a frequentarem regularmente e com uma cantina a funcionar na sede da Junta de Freguesia, onde era servida uma refeição completa. E, apesar das dificuldades, de coração cheio!

Maria Jesus Rocha Costa de Sousa (Educadora de Infância)





II Interações

A primeira vez que dei aulas foi em 1995, na Escola Básica Integrada de Portagem, concelho de Marvão. A particularidade deste início de carreira prende-se com o facto de eu ser filha da terra. Nasci neste concelho e dei por mim a desempenhar um papel que me possibilitou conhecer, sob outra perspetiva, muitos dos que cresceram comigo ou que me viram crescer.

A escola está integrada no Parque Natural da Serra de São Mamede, num meio rural desenvolvido. De repente, se tivesse de descrever as minhas turmas, diria que eram meus alunos o filho da cozinheira da escola, o filho do senhor motorista da Câmara, do pastor da herdade dos V., da dona do restaurante S., o neto do *Ti Joaquim*, enfim, um concelho de gente na minha sala! E eu, a filha da menina Glória, agora com o título de *sôtora*, antes do nome. Aprendi tanto com eles!

A gramática era o fastio destes miúdos, mas a leitura e a exploração do texto davam-lhes asas para inquirirem sobre outros lugares, outras realidades além da sua. Um dia, pedi-lhes um texto sobre a ocupação dos tempos livres. Lembro-me de dois deles como se fosse hoje. Um descrevia o levar e o trazer das ovelhas, como um

«momento livre» para andar no campo, brincar com os animais sem esquecer que quem conduz é responsável pelo rebanho. O outro explicava os cuidados a ter na criação de cães de raça para venda e de como era engraçado ter tantos «canitos», brincar com eles, amá-los muito e aprender a deixá-los ir, porque o dinheiro faz falta.

Esta responsabilidade prematura e a curiosidade que mostravam nos conceitos desbravados ao longo das temáticas transformavam-se em alegria e em entusiasmo a cada regresso a casa. Digo isto, porque viajava com eles no autocarro da Câmara que recolhia e distribuía os alunos no concelho, subindo e descendo a serra, entrando em cada lugar, em cada caminho por asfaltar. E ali, de forma indiscreta, mas não intencional, passei a conhecê-los muito melhor.

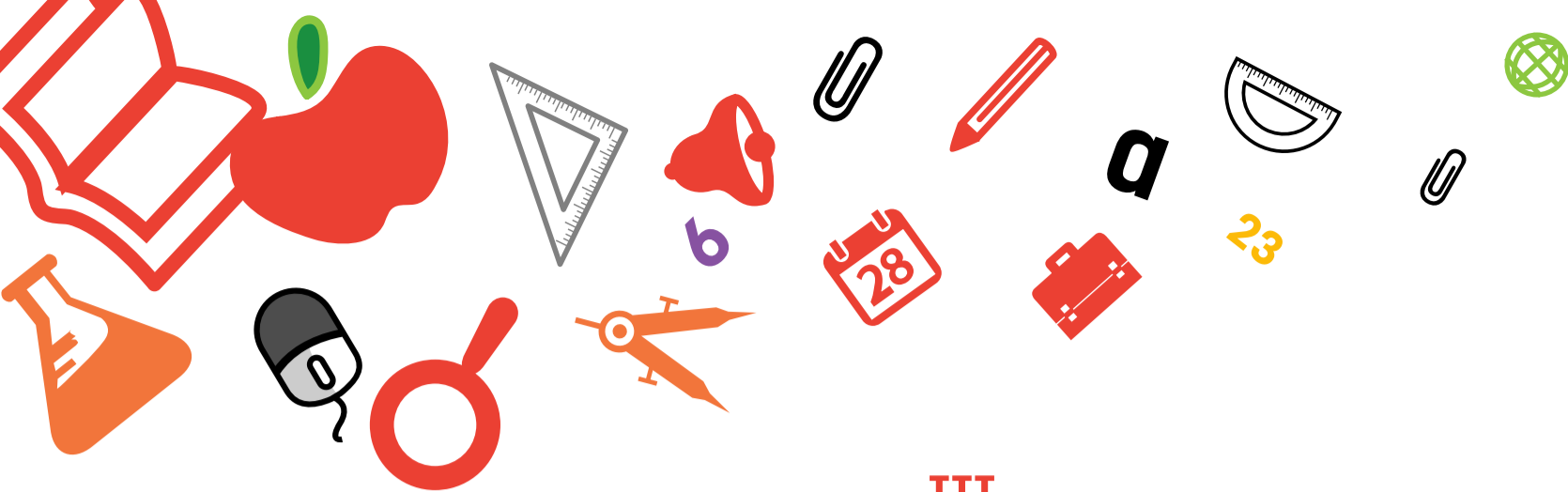
Por isso, no ano letivo seguinte, quando fui colocada na Escola Secundária do Monte de Caparica, tratei de criar um projeto epistolar para pôr «os meus alentejaninhos» em contacto com uma turma de 9.º ano, meio tresmalhada e a precisar de um pastor responsável, como o meu aluno de Portagem. Foi uma combinação feliz, que me possibilitou negociar com estes «cidadinos» toda uma interação fantástica, que culminou numa visita à escola de Portagem.

Esse encontro é a melhor experiência que guardo da docência e que me faz acreditar que há uma essência comum em toda a adolescência e pré-adolescência. Quase sempre está mascarada de adereços em exagero. Adereços de todos os géneros. Tirá-los, modificá-los e até mesmo trazê-los ao nível da consciência sem causar conflito, ofensa ou sensação de seminudez é obra para várias empreitadas.

As minhas terminaram. Já não dou aulas há algum tempo. Estou desempregada.

Maria Natália Batista (Professora de Português)





III

Uma questão de imaginação

Esta é uma pequena história que nos mostra como uma criança de cinco anos consegue resolver situações e problemas que, por vezes, aos olhos de um adulto, parecem incontornáveis.

Lá pelo início dos anos 90, fui colocada num jardim de infância do concelho de Almodôvar, Baixo Alentejo, numa aldeia chamada Semblana. Aguardava por mim um grupinho de 12 crianças, onde uma menina de cinco anos, chamada Laura, se destacava de todos os outros pelo facto de ter uns cabelos tão loiros que pareciam refletir o sol.

A Laura era possuidora de uma imaginação incrível e mostrou-me que, por vezes, não somos nós que os ensinamos/educamos a eles, mas sim eles a nós.

Organizado o espaço e definidas algumas regras de funcionamento na sala, foi decidido pelo grupo que, no local da chamada «casinha das bonecas», apenas poderiam brincar cinco crianças de cada vez.

A Laura era fã acérrima deste espaço e não havia um dia em que não fosse para lá dar largas à sua imaginação. Mas houve um dia em que se descuidou... e quando se apercebeu, tarde demais! Já não podia ir para a casinha, teria de esperar que algum colega saísse.

Não tardou muito que visse a Laura em grande azáfama, na casinha das bonecas. Chamei-a e disse-lhe que não podia estar ali, pois tínhamos combinado essa regra. A Laura saiu cabisbaixa, mas não demorou mais de dois minutos para lá voltar novamente. Mais uma vez a chamei e lhe relembrei a nossa conversa. Voltou a Laura a sair e, mais uma vez, dois minutos depois, lá estava ela outra vez. Logo que a chamei, prontamente me disse:

– Saudade, eu agora sou só a tia que veio visitar a família!

Fiquei quase sem palavras, mas achei que não devia abrir, por enquanto, exceções e lá saiu novamente a Laura da casinha das bonecas.

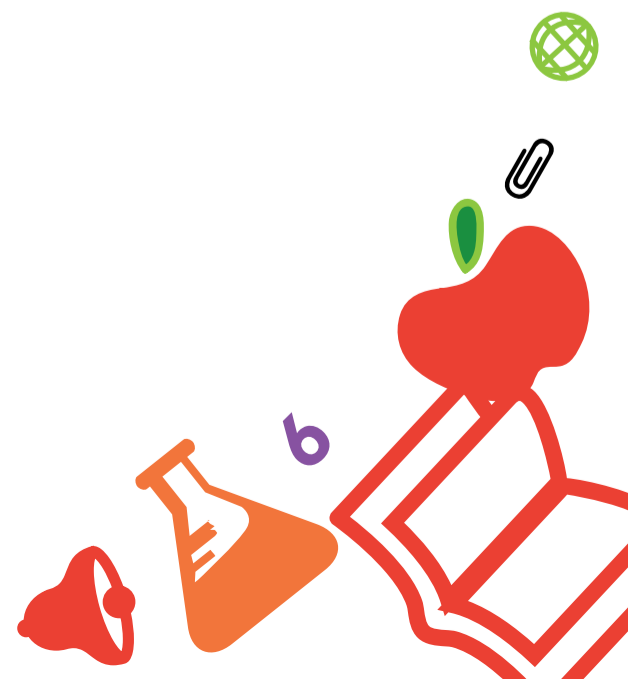
Passaram uns cinco minutos e vi a nossa menina, deitada à porta da casinha, toda enroladinha e muito sossegada com um prato ao lado dela. Perguntei-lhe:

– Então Laura, que estás a fazer aí no chão?

– Olha, Saudade, eu agora sou só o cão, estou aqui à porta e eles vêm dar-me comer.

Apenas sorri e as palavras foram-se... Afinal, há sempre uma forma de contornar situações.

Saudade Roxo (Educadora de Infância)





IV

O *stôr* Many Mãozinhas

O *stôr* Alvarenga era o mais castiço dos professores de toda a escola. Branquinho e pequenino, corria os corredores em passinhos curtos e frágeis. Varria a alma de todos os alunos com um olhar intenso que brotava de uns olhinhos negros e pequeninos, que pareciam ter o alcance do olhar de uma águia-real e aos quais poucas coisas escapavam. Poucas, à exceção do motivo da sua alcunha (da qual ele tinha muito bem conhecimento), embora pensasse que esta se devia ao programa que passava na televisão, em que um artista plástico realizava trabalhos extraordinários, com os mais variados e impensados materiais.

Pois é, mas não era por isso. O «Many Mãozinhas» vinha, na realidade, das suas mãozinhas sempre suadas, sempre a esfregarem-se uma na outra. E, como se não bastasse, comentava constantemente:

– Vamos lá, menino! Mexa as mãozinhas! Já viu o que fez? Acha que isso está bonito? Valha-me Deus! É preciso ter mãozinhas.

Mas o *stôr* Many até era fixe e, na verdade, um grande artista, pois todas as coisas que fazia eram verdadeiras obras de arte.

Um dia, o Necas decidiu que havia de construir um dragão em madeira, para oferecer ao pai no dia do seu aniversário. O pai do

Necas era adepto do Futebol Clube do Porto e, já se vê, não haveria prenda mais adequada para um portista do que um dragãozinho, todo «à maneira». O pior era que o trabalho que se estava a elaborar tinha como tema o Natal... Ora, um dragão tem pouco a ver com o Natal, não é? Ainda se fosse uma rena, ou uma vaca, ou até um burrinho, agora um dragão era complicado, lá isso era!

– Não te metas a fazê-lo, Necas. Vai dar bronca. Tu já sabes que o Many fica furioso quando a gente não respeita o tema, meu...

– Tem de ser, tem de ser – repetia o Necas com um ar meio obcecado. – Tenho de dar uma prenda ao meu pai e não tenho dinheiro, meu. O velhote vai adorar e o Many nem vai dar conta, vocês vão ver. Hei de arranjar uma maneira de ele aceitar a coisa...

A verdade, verdadinha, é que o Necas tinha umas mãos fantásticas e era capaz de coisas verdadeiramente excepcionais! A verdade, também, é que o Many tinha até uma secreta predileção por aquele aluno rebelde e contestatário, mas com umas mãozinhas de ouro!

Aproximava-se a data de entrega dos trabalhos e todo o pessoal estava ansioso por ver como iria o Necas sair de semelhante alhada... O Necas, esse, estava nervoso embora não o demonstrasse, por uma espécie de orgulho à moda de «macho mafioso». Ainda ninguém tinha realmente posto a vista em cima do tal dragão e corriam já apostas pela sala em como o Necas se tinha acobardado e não haveria dragão algum.

No dia 14 de dezembro, dia de apresentação dos trabalhos e respetiva avaliação, o Many entrou na sala com ar atarefado, os braços carregados de pastas e papéis para a autoavaliação.

– Vamos lá, meus amigos. Hoje é dia de entrega de trabalhos e avaliação. Já sabem como funciona. Venham mostrar os vossos trabalhos, um a um, para eu poder avaliar.

A turma estava ansiosa. Todos desfilaram perante o Many. Choveram presépios, pais natais, bolas e sinos. Quando chegou a vez do Necas, toda a turma ficou em suspenso... Quase se acotovelavam para ver a reação do *stôr* Many à obra do Necas, além de que todos ansiavam por, finalmente, ver o dito dragão.

O Necas caminhou bamboleante, corredor fora, com a «obra» colocada sobre um tabuleiro e coberta com um paninho branco. Já na secretária do *stôr*, pousou o tabuleiro e respirou fundo duas vezes.

– Então, Necas? Não tenho o dia todo, ou tenho?

– Tem razão, *stôr*, aqui vai... – respirou fundo outra vez e destapou a «obra».

No meio do tabuleiro, erguia-se imponente um fabuloso dragão de madeira, magistralmente bem executado e... com um barretinho vermelho enfiado na cabeça à laia de Pai Natal! Foi gargalhada geral! Um Dragão Natal!

O Many parou tudo. Fitou o dragãozinho natalício, fitou o Necas e mais uma ou duas vezes o dragãozinho. O Necas encolheu-se, preparado para o sermão do professor, e engasgava já na garganta meia dúzia de desculpas esfarrapadas para, ao menos, evitar a negativa.

– Necas, isto está fantástico, homem! É uma ideia de génio! Se calhar até o clube te pagava bem por isto, rapaz! Sim senhor, sim senhor... – repetia sem tirar os olhos do dragãozinho. – O bicho está perfeito! Perfeito, rapaz. Olha, vais ter cinco e vou pôr o trabalho em exposição no átrio da escola até janeiro!

O Necas nem queria acreditar! Então e o pai? Fazia anos dia 19!

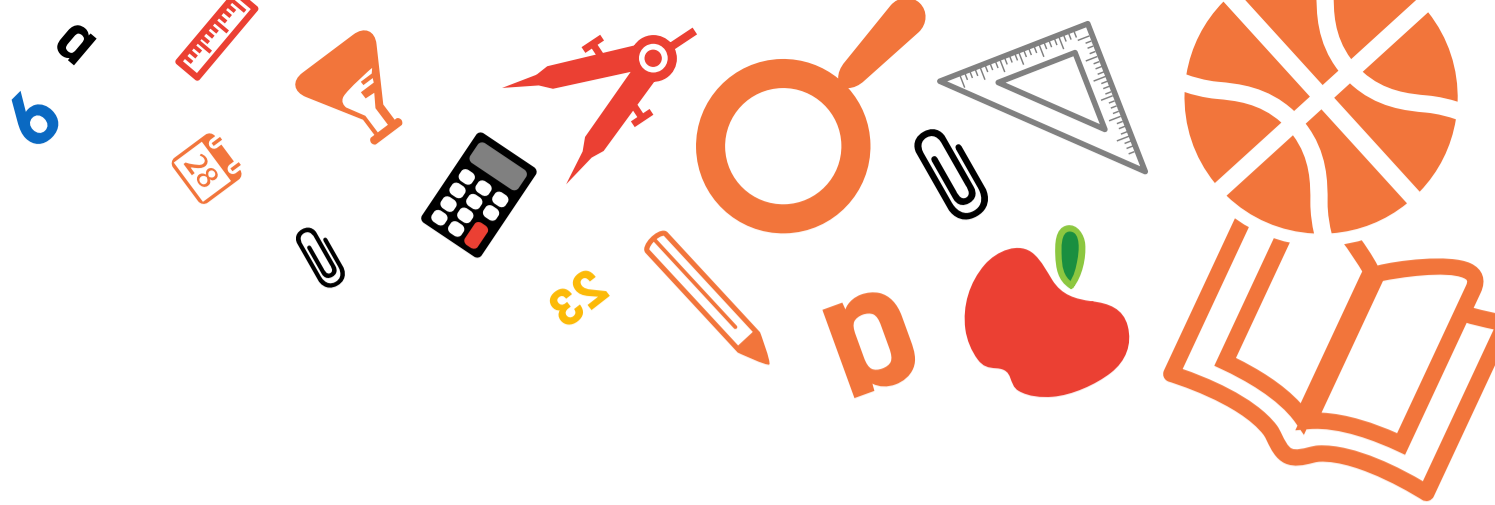
– Mas, ó *stôr*... – ainda tentou. O professor já não ouvia nada. Desapareceu porta fora, louco de orgulho com a obra do seu pupilo para

mostrar aos colegas (na verdade, ele próprio era portista e aquele Dragão Natal era realmente uma beleza!).

Quanto ao pai do Necas, não lhe restou senão esperar até janeiro. Mas o presente maior foi ir à escola onde normalmente só era chamado devido às asneiras do Necas e ver o seu dragão fantástico, exposto no meio do átrio!

Fernanda Costa (Professora de História)





V Rebuçados

Mais um desafio colossal. Noite quente de setembro. Primeira aula. Entro na sala com o dossiê vermelho na mão, na lombada pode ler-se «Formação em Língua Portuguesa para Estrangeiros». Está à pinha, cheia de gente graúda, emigrantes que procuram na escola uma oportunidade para aprender a falar e a escrever português. Se tiverem sucesso, abrir-se-á, ainda mais, a porta da integração, não só porque terão a sua vida mais facilitada, a todos os níveis, neste país que os acolheu, mas também porque o certificado é condição exigida para adquirirem a nacionalidade portuguesa. São 35 alunos que vêm de terras longínquas. Nas aulas seguintes, havíamos de as identificar no *Google Maps*: das antigas repúblicas da extinta União Soviética (Rússia, Ucrânia, Geórgia, Usbequistão e Moldávia), da China, da Argélia, da Bulgária e da Índia. A Concha é a única que vem de mais perto: da vizinha Espanha. Falam línguas exóticas, com alfabetos que apresentam letras curiosas e bizarras. Tudo é novo para eles e para mim. Esboço um sorriso tão amplo e generoso quanto sou capaz. Sinto aquele nervoso miudinho que resulta na sensação de múltiplas borboletas a esvoaçarem no estômago.

Do outro lado, desde o primeiro momento e sempre: caras sorri-

dentes e expectantes, olhos ávidos de saber. Após o «Boa noite» inicial, rapidamente fica a nu que a comunicação vai ser difícil, pois alguns chegaram há cinco meses e outros há vários anos, uns sabem só palavras soltas, outros conseguem produzir frases simples, mas coerentes. Há casos verdadeiramente difíceis como a jovem Guo (chinesa) e o sr. Kumar (indiano), cujas línguas apresentam códigos muito diferentes do português, mesmo a nível gráfico. Que método seguir perante esta heterogeneidade? Socorro-me do meu bom senso e rentabilizo a linguagem gestual, o bom domínio do inglês, umas breves e «arranhadas» incursões pelo francês e, acima de tudo, uma quase milagrosa divisão da turma em grupos, conseguindo com que os mais proficientes auxiliem os que menos sabem.

É esgotante. Recorro a vídeos e imagens da internet, principalmente para ensinar realidades ou conceitos muito nossos, porém completamente desconhecidos das suas culturas. Tenho de saltitar, constantemente, entre os grupos para esclarecer dúvidas, mas é um orgulho vê-los a trabalhar com enorme motivação, apesar do cansaço do dia de trabalho e/ou das longas viagens que alguns têm de fazer para chegar à escola: a Concha com o sr. Kumar e o Andaleb, os vários membros de uma família ucraniana (mãe, dois filhos e duas noras) que «adotara» o jovem casal russo Denis e Roza (com z), o casal de búlgaros com a chinesa e as duas ucranianas mais empenhadas, a Maria e a Olga, sempre disponíveis para traduzir quando, esgotadas todas as estratégias, alguém não me entende. Por vezes, ainda há três convidadas muito especiais: crianças, filhas de alunas, que vêm à aula porque as mães não têm com quem as deixar à noite. Estando no primeiro ciclo, também elas ajudam os outros nas tarefas que eu marco e fazem desenhos muito coloridos, nos quais escrevem o meu nome, copiado das fichas das mães. São marcas de carinho, raios de sol que guardo numa caixa e no coração. Um deles

está pendurado na minha árvore de Natal. O sr. Kumar destaca-se pela sua bonomia oriental. Vem de bicicleta para as aulas. Faz quase uma dezena de quilómetros, de noite, esteja calor ou frio. Só falta quando chove torrencialmente. A todos conquista com a postura hindu, serena e otimista. Cumprimenta-me com uma longa vénia, de mãos erguidas, que sempre faz ao entrar na sala. Traz rebuçados *Dr. Bayard* que tira da mochila azul e distribui por todos, no final da aula. Tendo estudado num colégio inglês, a expressão «No problem» baila-lhe sempre nos lábios, mesmo quando alguma dificuldade maior surge.

Sete meses passaram. Muitas fichas resolvidas. Muitos marcadores gastos por tantos exercícios corrigidos no quadro branco. Muitas gargalhadas partilhadas. Todos conseguiram concluir com sucesso, mesmo que com a classificação mínima. Noite amena de abril de 2013. Última aula. Entro na sala com o dossiê vermelho numa mão e uma travessa de arroz doce na outra. Unimos as mesas. Estende-se uma toalha. Cada um coloca sobre ela um prato, uma taça ou uma travessa com especialidades do seu país de origem. Doces e salgados. Profusão de formas, cores e odores. O «mapa mundi». Um hino à tolerância e à multiculturalidade. Um ramo de flores para mim. Abraços apertados de todos. Dos alunos e das famílias. Da professora e da sua família. Fim de festa. Desunimos as mesas, mas nunca os corações. Classificação: 20 valores.

Maria Gonçalves (Professora de Português)





VI

Não apagues a minha mãe...

A manhã estava chuvosa, tristonha, e nem o soar da campainha que anunciava o recreio os fez apressarem-se para a saída.

Não. Pelo contrário. Um a um, foram-se deixando ficar na sala, o dia não convidava a passeios, muito menos a correrias e, em dias como aquele, o recreio era tudo menos atrativo.

– Professora, podemos ir escrever para o quadro?

– Podem, claro. Mas com juízo...

Num ápice, o quadro tornou-se num grafiti só, entre jogos do galo, palavras soltas, acrósticos e desenhos, acotovelavam-se uns aos outros para todos conseguirem deixar a sua marca.

Entre eles estava o Rui, rapaz baixinho, franzino, muito tímido e pouco apreciador da escola. O Rui gostava era de trabalhar com o pai, ajudar a fazer o pão e participar na sua distribuição pela vila. Isso é que o fazia vibrar! E falava do ofício como ninguém!

Poucas vezes falava da mãe... mulher marcada pelas maleitas da vida, de saúde frágil, muitas vezes adoentada e, nessa semana, hospitalizada.

Na semana anterior, o Rui apressava-se para a saída:

– Adeus, professora! Vou fazer o chá para a minha mãe! Ela gosta!
Tu gostas?

– Se gosto! Que bem me sabia agora um...

Despedia-se com um sorriso e corria como uma flecha porta fora.

A campainha tocou outra vez. Voltaram, sem vontade, para as secretárias e eu comecei a apagar energeticamente aquela confusão do quadro. O Rui ergueu o braço e, quase num sussurro, pediu:

– Professora, não apagues a minha mãe...

Fui atingida por um raio gelado e esforcei-me para conter as lágrimas perante tal súplica, olhei desconcertada para a confusão do quadro e não consegui distinguir, no meio dos gatafunhos, a mãe do Rui.

– Onde está, Rui? – Levantou-se e apontou para um desenho, no meio de tantos. Rodeei o desenho com um coração. – Não, Rui, não apago a tua mãe...

O resto do dia foi trabalhado à volta da mãe do Rui que, entre números e letras, sorria. Lá atrás, a Mariana levantou o dedo:

– Professora, podemos também passar a mãe do Rui para o caderno?

Sorri. Não precisaram de outra resposta.

Naquele dia tristonho de dezembro, as páginas dos cadernos dos meus alunos emanavam amor... E haverá lição ou matéria mais importante?

Fernanda Santos (Professora de 1.º Ciclo)





VII

Velhos hábitos

– Chegou atrasada, *stôra*!

Foi assim que os alunos do 8.º ano me saudaram à entrada da sala. Para eles, não existia o «Bom dia». Todos os dias era um suplício aparecer à entrada da sala de aula de Português, exceto à sexta quando traziam algum ânimo, talvez por se avizinhar o fim de semana.

Era a minha primeira aula com a turma. Os alunos estavam agitados por conhecerem aquela que seria a diretora de turma. – Quase no final do 1.º período – diziam eles. Sim, tinham razão. Apenas fora colocada a 26 de novembro, devido à burocracia desesperante do nosso sistema de ensino.

– A *stôra* já deu aulas? – perguntavam, curiosos. Sim, já dera. Já ensinara Português e levava turmas a palco no âmbito da disciplina de Oficina de Teatro. Sabia bem o que era representar e o que eles pretendiam com todas as perguntas que me colocavam. Aquela peça de teatro que tentavam construir já não me era desconhecida.

Após a apresentação e de me terem ficado a conhecer melhor, até porque a minha pronúncia me precedera, iniciámos o estudo da matéria, sob um amontoado de protestos, reclamações e vozes de desânimo. Era tarde, mas nunca tarde demais, pensei eu.

Ao longo da aula, pude ir percebendo como os alunos eram desunidos. Troçavam uns dos outros, competiam, eram muito pouco generosos e amigos. Algo que teria de mudar rapidamente. Como era possível trabalhar no seio de uma turma tão heterogénea e tão pouco cooperante?

Todos os dias de manhãzinha, ao chegar à escola, tinha no envelope do livro de ponto uma catrozada de participações. A turma habituara-se à ausência de controlo por parte do diretor de turma que até aí não existira. Chegaram as reuniões e, apesar do curto espaço de tempo para conhecer os alunos, tive de presidir às mesmas. Com elas, surgiu uma panóplia de reclamações: «os alunos falam incessantemente», «não se ouvem», «não se sabem comportar», «são maus uns para os outros», diziam. Apenas os pude ouvir. Eu própria ainda nem tivera tempo para os conhecer, quanto mais para me aproximar deles. Essa seria a próxima etapa!

Retorno à rotina escolar, após as férias de Natal. Os alunos excitadíssimos, felizes por se reencontrarem e não por voltarem aos estudos. Queriam partilhar todas as novidades. As participações dispararam.

Final de janeiro. Novo problema. Um aluno foi vítima de *bullying* por parte dos colegas da mesma turma, por ser mais educado e sensível do que os demais. Como o processo disciplinar era a resposta mais evidente para a situação, avancei para a redação de uma carta dirigida à turma. E, na aula de Formação Cívica, li:

«Benavente, 5 de fevereiro de 2009

Meus queridos alunos,

Apesar de ter chegado recentemente, pude perceber que esta turma é muito pouco unida, o que me entristeceu, tendo em con-

ta que são jovens muito empenhados e trabalhadores, quando assim o desejam. São pequenos adultos que estou a gostar de conhecer.

Não imaginam a minha decepção quando recebi uma queixa contra alunos desta turma. Sim, mais uma. Mas esta deixou-me magoada, porque senti que o trabalho que eu e os outros professores temos vindo a desenvolver foi em vão. Nada valeu a pena e afinal não são assim tão adultos quanto aparentavam ser.

O Nuno apresentou uma participação de alguns colegas da turma. Qual foi o motivo que me deixou tão triste? Trata-se de bullying! E foi quando percebi que estas aulas não valeram de nada e as notas afinal tinham sido fictícias, porque, na realidade, não tinham aprendido nada. A participação era essencialmente dirigida ao Manuel, mas, pelo que li, não é só contra o Manuel. Ele era o agressor físico sim, mas existem os outros: os psicológicos. Se bem se lembram de quando elaboraram vídeos e PowerPoint sobre este tema, bullying não é só agredir fisicamente, mas também espalhar e instigar comentários negativos sobre colegas, ridicularizar e ser conivente quando alguém o faz, rindo e apoiando o agressor.

Se esta situação permanecer, irá ser iniciado um processo disciplinar, não só contra o Manuel, mas também contra todos os seus cúmplices. Fico triste por sentir que apenas se unem por motivos aviltantes.

Aguardo a resposta a esta carta por parte de todos vós.

A professora, Susana Costa»

Fez-se silêncio total, pela primeira vez em muito tempo. Alguns sussurravam, alertando o Manuel para o término das «brincadeiras» que estavam a ir longe demais. No final da aula, todos se reuniram à saída.

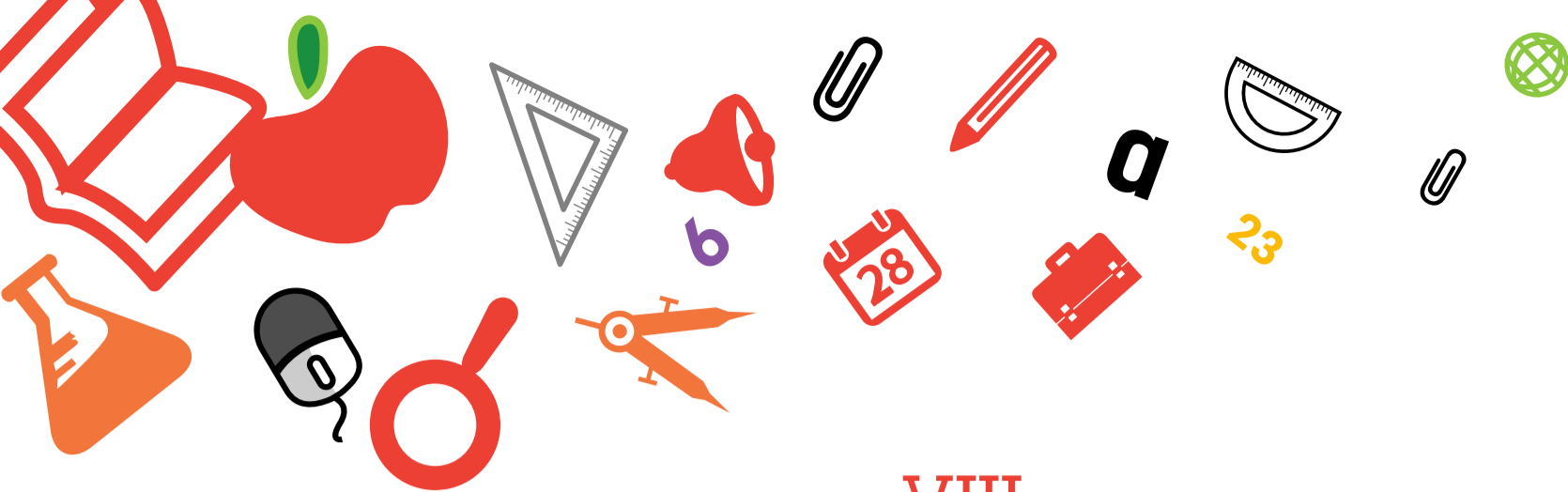
Na aula seguinte, recebi várias cartas. Quase todos tinham feito os trabalhos de casa. Algo raro! Gostei de as ler. Deliciei-me com as respostas que recebi, a ingenuidade das palavras eternizadas naquelas folhas de papel.

Os alunos conversaram com o Nuno e pediram desculpa. Aos poucos, foram-se aproximando. E, no final de maio, durante uma visita de estudo de todas as turmas de 8.º ano, aquela turma era visivelmente inseparável.

Na festa de final de ano, saudaram-me com um «Chegou atrasada, *stôra!*». Porque há hábitos que nunca mudam!

Susana Costa (Professora de Português)





VIII

Memórias de uma professora

A sala era pequena, mas muito acolhedora. O grupo de alunos era proporcional ao tamanho da sala. Era um grupo agradável, bem-disposto e muito conversador.

O Rafael, apesar de ser o mais novo, era um aluno bem integrado no grupo, mas pouco participativo. De cada vez que eu o interpe-lava, ele ficava nervoso, falava baixo, tropeçava nas palavras e eu tinha dificuldade em entender o que ele dizia.

Quando lhe pedia para ler, ainda antes de ele começar, já se ou-viam risinhos. Durante a leitura, engasgava-se e dizia, vezes sem conta, «ai», «hã»...

Era uma risada pegada entre os colegas. E o resultado era que ninguém conseguia reter nada do pouco que se percebia porque ele não lia duas palavras seguidas de forma correta. O próprio Rafael também se ria, mas era um riso nervoso e acabava por se justificar:

– Tenho dificuldade em ler os «eles» e os «erres».

Um dia, perguntei aos colegas se eles eram amigos do Rafael. To-dos se sentiram ofendidos com a pergunta e a resposta não deixou dúvidas:

– Claro, gostamos muito do Rafael.

– É estranho – respondi, – porque eu não me costumo rir dos meus amigos quando eles estão em dificuldades. Sou solidária com eles, e se não puder ajudar fico em silêncio e não atrapalho.

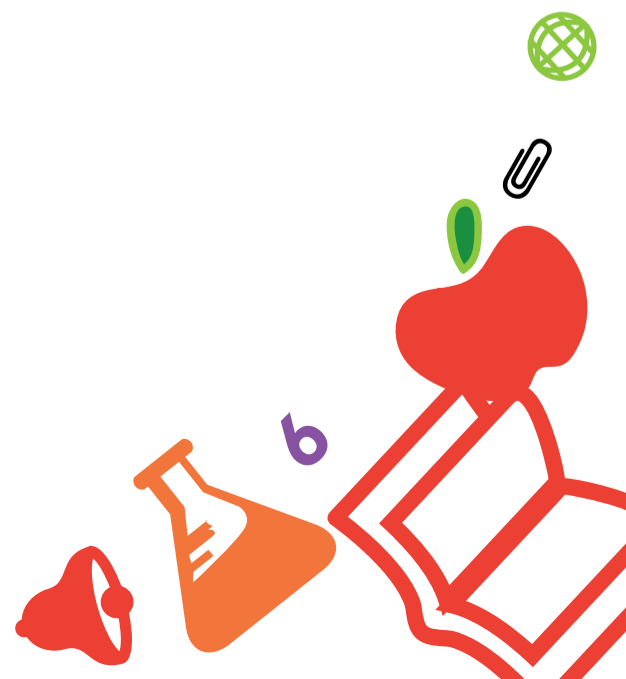
E silêncio foi o que se fez na sala, quando eu voltei a pedir ao Rafael para ler. Disse-lhe para ler com calma e ele leu, devagar, e não se enganou nem se engasgou e ninguém se riu.

Não se voltaram a rir do Rafael, mas ele voltou a ler e a ler cada vez melhor porque afinal não tinha problemas com os «eles» e os «erres» e porque os colegas eram mesmo seus amigos.

No último dia, na hora da despedida, disse-me:

– Obrigado, professora, por me ter ensinado a ler bem, outra vez!

Maria de Fátima Esteves (Professora de Português)





IX

Problemas, quem os não tem?

As faltas, principalmente disciplinares, eram a rotina do Valente. Chegou tarde, como sempre, e a turma estava silenciosamente a fazer teste. Então, o seu dia começou:

- *Qué* isso? Foi promessa? Parecem ratinhos amestrados!
- Está a perturbar a turma e a ser incorreto. Tem aqui o teste. Dê o seu melhor, pois sei que consegue.
- Sabe que não vou escrever nada. Deixe-me sair sem falta, senão vou chatear todos.
- É o costume. Vê lá se te calas que nós queremos fazer qualquer coisa. Já que tu não queres...
- É a última vez que peço que se cale. Está a desrespeitar-nos.
- Psss! Respeito. Essa é boa! Respeitinho, meninos lindos, e façam o teste, fofinhos!
- Saia, Valente.
- Já?! Assim nem dá para aquecer! Agora vejo, está preta!

Rindo esfuziantemente, olhava em redor, esperando companhia. Ninguém se riu. Embora longe de serem alunos exemplares, quer

no comportamento, quer nos resultados escolares, era o último teste do 2.º período e tentavam realmente «fazer qualquer coisa».

– Está feia! Está de luto pelo gato? – O Valente saiu a sorrir. – *Tchau!* Divirtam-se, idiotas! Adeus, *stôra*. Está mesmo feia. Sentimentos pelo gato!

Na aula seguinte, havia visita de estudo e o Valente não foi. Aproveitei e pedi-lhe para falar comigo.

– Sabe, não creio que a sua atitude prove nada nem o leve a lado nenhum. Está a queimar o seu tempo e a gastar o dinheiro dos seus pais e da sociedade trabalhadora que desconta para, entre outras coisas, pagar os seus estudos. Tem alguma razão para um comportamento tão disparatado?

– Eu sei que tem razão, mas não consigo mudar. Eu tinha tudo, mas o meu pai perdeu o emprego e agora nem posso ir à porcaria de uma visita de estudo!

– Acredita que os seus pais ficam felizes ao verem o filho reagir dessa forma? Ter um comportamento correto e ajudar os pais, na medida do possível, não seria mais digno e acertado? Eles não merecem, ao menos, ter um filho ajuizado que lute pelo seu futuro?

– Sim, *stôra*, mas eu não consigo. E agora tenho a namorada noutra turma. Quero reprovar para ficar na turma dela.

– Compreendo, mas não aceito. Insultar constantemente professores, auxiliares e colegas resolve tudo? As outras pessoas têm culpa dos seus problemas? Será que não têm também problemas?

– Pois, mas eu sou assim e não consigo mudar. Sei que estou errado, mas tenho problemas...

– Se reconhece, consegue. É só querer.

– Eu não estava preparado para isto, porra. Tinha tudo o que queria.

Já cansada das respostas se repetirem, não resisti: – Na aula do teste disse-me que eu estava feia, perguntou-me se estava de luto... Diz-me que não estava preparado para o que a vida lhe trouxe. Pois, isso é crescer, por muito que doa. Além disso, há males piores do que não «ter tudo». De facto, estou de luto: a minha mãe acabou de morrer, o meu irmão ficou paraplégico, eu estou com uma depressão pós-parto e a minha casa foi assaltada. Não tenho nada a não ser o trabalho, os filhos para sustentar, um irmão deficiente e não estava preparada para isto. Alguma vez fui incorreta consigo ou com alguém da turma? Tenho o direito de insultar e maltratar os que me rodeiam? Acredita que só a si lhe acontecem coisas más e o resto do mundo é feliz? Surpresa! Esta é a realidade.

O silêncio foi avassalador, não obstante o tambor incessante do meu coração a explodir de dor, mas também de libertação.

– Não, *stôra*, desculpe. Nunca nos tratou mal. Eu não sabia... – Os olhos baixos, a voz sussurrante. – Eu vou tentar... Eu não sabia que estava mesmo de luto. Eu não sabia que tinha problemas.

– Problemas graves, não lhe parece? Os seus colegas não terão problemas? Se calhar, os que mais calam são os que mais sofrem e nem por isso o desrespeitam. Estude, seja alguém. O que está a fazer é indigno e não tem qualquer desculpa. Não é criança, não é homem; no entanto, está a caminhar rapidamente para a idade adulta. Mostre que sabe fazer essa caminhada com dignidade.

– Eu vou tentar.

Durante o que restava do ano letivo, continuou a somar faltas e a ser chamado à direção. Mas algo mudara. Já não insultava, embora brincasse, interrompesse...

Nas minhas aulas, só pedia:

– Por favor, *stôra*, deixe-me sair sem falta, vá lá.

Dizia que lhe doía a cabeça, que precisava mesmo de ir ao WC e não regressava. Às vezes perturbava, mas não voltou a insultar-me ou a provocar-me.

Reprovou, não teve nenhuma positiva, conseguiu ficar na turma da namorada. Está a tentar mudar. Quando passa pelos professores, não lhes fala, finge que nem os vê. Quando passa por mim, fica a olhar, incapaz de dizer algo. Às vezes sorrio e ele baixa a cabeça. Será que cresceu?

Eu cresci e ultrapassei mais um desaire da vida com a ajuda deste aluno rebelde que me ouviu falar também dos meus problemas. Desabotoei-me do cárcere insuportável da dor e sobrevivi-lhe. Sou feliz, porque a felicidade é a descoberta da nossa força e de cada momento a que sabemos dar valor. É também dádiva e integrar um mundo que pode melhorar... Se não acreditar, nada vale a pena... mas a alma é grande e, por isso, estou no ensino.

Obrigada, Valente.

Ana Carvalho (Professora de Português)





X O valor do Natal

Pedi para os meus alunos escreverem uma composição sob o tema «O que significa para ti o Natal?» e recebi respostas materialistas da maioria dos alunos: «Adoro o Natal porque vou ter muitas prendas: *Playstation*, telemóveis...»

Na semana seguinte, eles tinham teste de Português e decidi inventar eu própria o texto do teste para ser interpretado, tentando tocá-los um pouco com uma das muitas histórias da vida real. A mesma composição foi-lhes pedida no teste e, com emoção, verifiquei que as respostas em nada eram iguais às anteriores. Diferentes emoções nos mesmos corações deram frases como esta: «O Natal é a festa da família e muitas vezes somos tão egoístas que só pensamos nas coisas que queremos receber. Só quando nos acontece como à Lili é que percebemos.» ou «Vou passar o Natal só com o meu pai, que já tem outra família. Já me habituei a isto, mas consigo perceber a tristeza da Lili... Somos tolos em só pensar nos presentes que recebemos. O mais importante é a família junta, este é o espírito de Natal que o Menino Jesus nos quer mostrar para um mundo melhor.»

Escrevi a história, confesso, marcada por um pai que me procurou, para saber da vida escolar da sua menina, dizendo que, devido à

sua doença, não chegaria a passar o Natal com ela. Em janeiro, este pai elevou-se às estrelas.

O valor do Natal

A neve caía, dezembro era o mês do frio e dos brancos mantos de neve. Lili olhava mais uma vez para o portão de sua casa, adorava viver no campo, mas... naquele dia... sentia-se gelar por dentro, apesar do calor que se fazia sentir no seu quarto. Hoje, era noite de consoada e... nem sinal do pai.

Pegou numa caneta e num papel e começou a desabafar com palavras «Pai, há três meses que trocaste este lindo Portugal por esse gelado país. Sei que aí, na Suíça, se ganha mais dinheiro, mas preferia que estivesses sempre perto de mim. Disseste que talvez viesses passar o Natal connosco e nem sinal de ti! Porque não apareces? A mãe está descontrolada, lá em baixo; o teu telemóvel não dá sinal! Será que consegues imaginar como me sinto neste momento?»

A mãe chamou-a:

– Lili, vem para baixo, está a ficar escuro! Quero que me ajudes com a ceia de consoada. O teu pai já não vem! Não estejas à espera de um milagre de Natal!

A mãe da Lili estava muito nervosa e chateada, esperava que o marido viesse passar o Natal com a família, mas começava a concluir que ele não viria. Lembrou-se do que o marido lhe dissera, na semana anterior:

– O meu patrão quer que eu trabalhe na semana do Natal e disse que me pagaria o dobro, talvez eu prefira ficar para ganhar mais dinheiro, ainda vou decidir, mas se eu for para aí, chegarei de surpresa.

Algumas horas mais tarde, sentaram-se ambas à mesa. A mesa estava repleta de iguarias: rabanadas, bolo-rei, pão de ló... Nada faltava da tradicional ceia de consoada. A árvore de Natal piscava orgulhosa, deixando revelar os maravilhosos adornos que a vestiam. Lili dirigiu o olhar para a janela, viu duas estrelinhas a brilhar, lembrou-se dos avós que tinham ido para o céu e que sempre recordava com muito amor. Foi buscar duas estrelinhas, guardadas numa caixinha de veludo, que lhe faziam lembrar os avós, brilhavam como diamantes lapidados. Beijou-as e pendurou-as na árvore.

– Feliz Natal, avós.

Olhou novamente para aquela árvore e para o presépio, desejou um milagre. A tristeza era imensa. Olhava para todos aqueles presentes que tinha «exigido» à mãe e, entre lágrimas, murmurou:

– Mãe!

– Diz, filha!

– Sabes, agora consigo ver o verdadeiro valor do Natal. Afinal, não são os presentes, nem a mesa cheia de boa comida que nos fazem verdadeiramente felizes. Agora percebo porque dizem que o Natal é a festa da família! Descobri que é Natal porque estou contigo à mesa, sinto a presença de duas estrelinhas que sempre me acompanham e guardam, mas falta-me a presença de alguém que podia estar sentado nesta mesa, mas não está, talvez não goste de mim. Também não está guardado, na forma de estrelinha, na minha caixinha de veludo, para eu pendurar na nossa árvore e para me guardar lá do céu. É noite de Natal, descobri o significado desta quadra, mas sinto muita tristeza no meu coração!

A mãe não conseguiu dizer nada. As lágrimas escorriam-lhe pela cara.

Nesse preciso momento, a campainha tocou, ambas saltaram das cadeiras e se dirigiram para a porta de entrada. O coração desta doce menina de oito anos batia apressadamente e ela, com a mão trémula, abriu a porta.

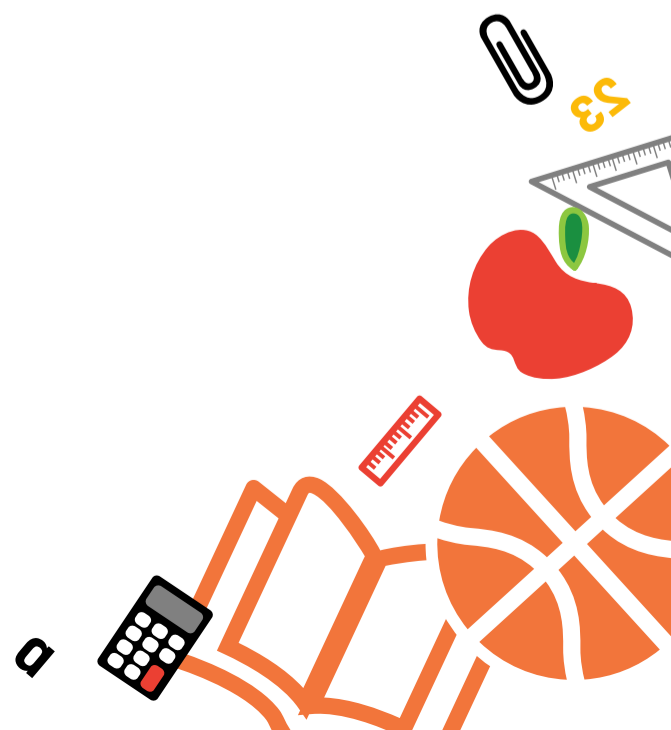
– Ah! Pa... pa... pai!!! Vieste! – Lili gritou descontrolada.

– Claro que eu vinha, filha, gosto muito de ti, o dinheiro não é tudo na vida, a família é o mais importante!

Foi assim que esta doce menina descobriu o valor do Natal.

Lili olhou para as duas estrelinhas da sua árvore de natal, beijou o Menino Jesus e pensou nos avós. Olhou novamente para o céu e sorriu para as duas estrelinhas que sempre a ajudavam e que, felizes, lhe piscaram o olho.

Aurora Fernandes (Professora de Português e de Inglês)





XI Uma lição

Tratava-se de uma turma de 5.º ano que tinha na sua constituição um quarteto muito complicado, mas que, por aquela altura, tinha ainda naqueles miúdos um misto de ingenuidade e apetência clara para o disparate, salpicado por alguma agressividade e dificuldade no reconhecimento da autoridade do adulto.

A auxiliar bateu à porta do Conselho Executivo.

– Sim? – respondi do lado de dentro.

– Estes miúdos estavam aos pontapés a este mapa no corredor.

Os miúdos estavam indiferentes à descrição do sucedido, pelo que optei por abordar o tema de uma forma, inicialmente, despreocupada, pois sabia que tinha de encontrar rapidamente forma de os preocupar verdadeiramente com as consequências do que tinham feito.

Abri o mapa, um mapa-mundo colorido, um pouco maior do que uma cartolina, e verifiquei que, para além de amarrotado, faltavam-lhe alguns bocados. A minha tranquilidade alterou-se bruscamente e passei ao ataque naquilo que eles menos esperavam: o porquê do desaparecimento no mapa de determinados países. Porquê aqueles e não outros?

– Isto é muito grave! – disse, debruçando-me sobre uma das áreas em falta do mapa com preocupação. – Vocês fizeram desaparecer alguns países do norte da Europa. Isto é muito grave. Ainda se fossem os do Sul, a coisa escapava, agora os do Norte...

Começaram a olhar uns para os outros e a demonstrar preocupação por não perceberem nada do que se estava a passar. Tinham desafiado a Escola com um comportamento agressivo e a Escola não respondia a essa provocação mas, pelo contrário, demonstrava estar preocupada com eles pelo desaparecimento de certos países de um mapa.

– Vou ter de ligar para as embaixadas. Vocês estão desgraçados. Nem eu vos vou conseguir ajudar.

Começaram a ficar pálidos e a discutir uns com os outros.

– Eu não chutei.

– Eu só tirei do armário, ele é que estragou.

– Eu bem disse que isto ia dar...

Resolvi começar a falar mais alto e olhá-los nos olhos um de cada vez – PARA QUE É QUE QUEREM A NORUEGA? HUM. PARA QUÊ? E A DINAMARCA? E A SUÉCIA?

Voltei a mostrar-me muito calmo e preocupado em ajudá-los. Foi então que um deles disse: – Professor, nós vimos já! – E saíram a correr.

Voltaram passados breves instantes com vários bocadinhos de papel. Eram bocados do mapa que tinham deitado no lixo. – Professor, ajude-nos.

– Eu bem queria, mas isto está muito complicado para o vosso lado. Se não se tivessem metido nisto... – E aproveitei esta fase em

que todos já estávamos numa onda cooperante para falar de como não havia necessidade de estragar o material da escola, que até só existia para os ajudar a aprender, que quando fazemos disparates raramente temos noção das implicações... Enfim, era o momento da ação educativa.

Engraçado como estes mesmos miúdos tinham alterado o seu registo. A cara menos rude, a voz menos jocosa e os olhos tinham agora um brilho diferente, meio de lágrima, meio de afetividade.

– Vamos lá ver o que se consegue fazer.

Começámos a construir o *puzzle* fixando-o com fita-cola por trás. Passados alguns minutos tínhamos o mapa pronto com os bocados que recuperaram mas... ainda faltavam alguns bocados. O norte da Europa estava ainda incompleto e, do lado dos Estados Unidos, havia uma grande falha também.

Com tudo já calminho, voltei à carga.

– Vocês foram só buscar os países que não vos interessavam. PORQUÊ OS ESTADOS UNIDOS? PORQUÊ? Os americanos não brincam com estas coisas. Vocês meteram-se num grande sarilho. – Entrou na sala a Cristina. – Olha, nem de propósito, a professora Cristina ainda o ano passado teve um problema parecido com uns alunos dela. A embaixada dos Estados Unidos foi terrível. Não foi, Cristina? Conta-lhes tu que eu nem sou capaz.

A Cristina virou costas e saiu, pois não conseguia segurar a vontade de rir. Nesta altura, já a rapaziada prometia nunca mais fazer disparates, se os conseguisse ajudar a sair desta. Voltei a fazer uma pausa.

– Já sei! – disse, com uma expressão triunfal que logo estampou um sorriso de alívio nos miúdos que se debruçaram sobre a minha

secretária. Fui buscar umas folhas brancas e coleí-as por trás do mapa. – Agora só precisam de desenhar e pintar o mapa que falta. Talvez assim não seja necessário ligar para as embaixadas.

– Mas nós não sabemos como fazer... – disseram, outra vez com ar desanimado.

– Simples. Vão para a biblioteca na hora de almoço, abrem o atlas e copiam o melhor que der.

– Biblioteca? – Nem sabiam que espaço era esse e muito menos onde ficava.

– Ou conseguem até ao final do dia, ou tenho de ligar para as embaixadas e eles logo tratam de tudo à sua maneira.

– Nós temos de conseguir. – disse um deles, puxando os outros.

Ao final do dia, o mapa lá apareceu, com os países todos, bem pintados e delimitados (com ajuda da professora da biblioteca) e, depois de entregue, o alívio de um dia vivido com alguma angústia que chegava finalmente ao fim para os quatro.

Uma última passagem pelo reforço positivo e... fim da história.

Nuno Frazão (Professor de Educação Física)





XII

Improviso

Estávamos no final do ano letivo 2011/2012 e fui com uma colega de Ciências Naturais acompanhar os alunos de 9.º ano na apresentação de um projeto desenvolvido no âmbito do prémio da Fundação Ilídio Pinho – Ciência na Escola. Cada projeto participante dispunha de um *stand* destinado à sua divulgação. Os alunos tinham desenvolvido o tema «Energia», tendo construído uma maqueta da escola e procedido à respetiva eletrificação, utilizando, para tal, um minipainel solar. Uma vez que a maqueta era muito grande, optou-se por levar uma apresentação em *Prezi* que permitisse dar a conhecer o projeto.

Chegados à Exponor, os alunos montaram o equipamento e a apresentação foi sendo passada aos visitantes ao longo da manhã, tendo sido projetada numa tela de madeira pintada de branco. A certa altura, e após uma visita aos restantes *stands*, os alunos já estavam um bocado cansados e resolveram entreter-se...

Assim, continuaram a passar a apresentação, mas com uma inovação: o aluno que apresentava ia fazendo os movimentos com as mãos e com os braços em frente à tela, dando a impressão aos visitantes de que se tratava de um quadro interativo. Os alunos trei-

naram tão bem as transições da apresentação que se podia pôr em dúvida a presença do dito quadro naquele espaço.

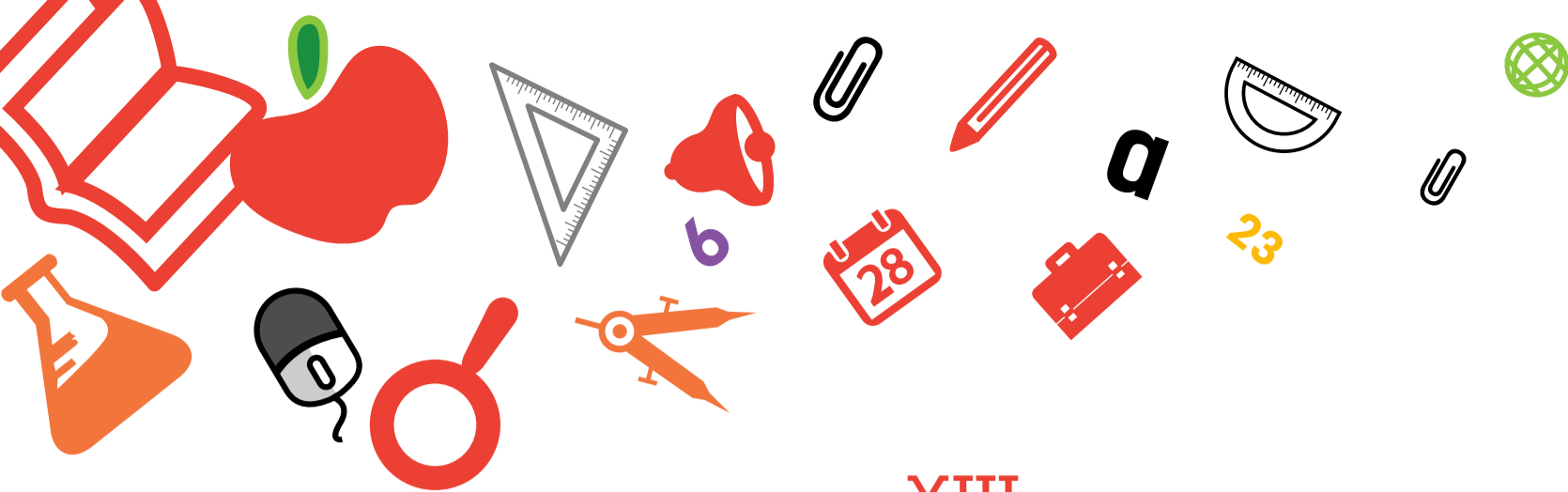
Algumas pessoas que iam passando assistiam à apresentação muito sérias e no final iam espreitar a tela para se certificarem da existência ou não de um quadro interativo. Outras apercebiam-se da inovação dos alunos e riam-se, voltando em seguida com outras, para lhes mostrar a peripécia. A certa altura tive de me afastar um pouco do *stand*, uma vez que aquela situação era tão insólita que não conseguia parar de rir!

Chegada a hora do almoço, e perante a ausência de monitores no *stand*, os alunos deixaram o seguinte aviso projetado na tela: «Por motivos de saúde mental, física e psicológica, os responsáveis pelo projeto foram almoçar. Para mais informações, sente-se na cadeira e espere pacientemente por nós!»

E assim se passou um dia diferente com as peripécias dos nossos alunos que tornaram a convivência e a cumplicidade entre professores e alunos muito especial! Obrigada ao 9.º B por estes momentos!

Manuela Ortigão (Professora de Físico-Química)





XIII

A partida

Por norma, desenvolvo relações empáticas com os alunos, embora saibamos que não é possível agradar a gregos e a troianos. Mais: nem me esforço para tal.

Há alguns anos, na semana antecedente à do início da interrupção das atividades letivas da Páscoa, em plena Quaresma, ocorreu uma situação inaudita.

Às 8h15, entro na sala de aula, pavilhão das Artes, 12.º ano de Artes e, na secretária, alinho os materiais necessários à aula. Enquanto esta operação decorre, percorro com o olhar a sala e apercebo-me de um aluno com a cabeça encostada à parede, com a pele muito branca e penso: «Meu Deus! Este andou toda a noite na giralдина, tomou alguma coisa e está aqui a ressacar! Esperemos e vejamos o que vai acontecer!»

Acabada esta confidência aos meus botões, aproxima-se de mim o aluno mais pacato, mais bem comportado e inofensivo da turma, com um ar muito sério. Pergunto-lhe:

– Então, o que foi?

Ao que me responde, quase em surdina:

– Professora, o D. não está a sentir-se bem... Acho melhor chamar uma ambulância. Estamos muito preocupados com ele!

Digo-lhe que já me tinha apercebido e peço-lhe que não diga nada, que eu vou tomar medidas. Aparentando uma calma que não tenho, olho para o aluno e fico aterrorizada: escorre-lhe sangue pela boca e já alcança o pescoço. Penso: «Rápido, senão ainda me morre aqui!»

Volto-me para a turma e digo-lhes, com a calma que consigo encontrar: – Façam o exercício do livro que eu preciso de ir lá fora.

A turma mantém-se em silêncio e séria. Saio e peço à funcionária que mande vir uma ambulância, que peça os documentos do aluno D. ao SASE e que solicite a duas funcionárias que desçam até ao pavilhão, sem dar mais explicações, dizendo-lhe apenas que aja com a maior urgência possível.

Respiro fundo e retorno à sala: receção com gargalhada geral, incluindo o aluno D., que quase parece um vampiro. Não percebo nada, volto a sair da sala e a risada continua. Dirijo-me de novo à funcionária e digo-lhe para anular todos os pedidos que lhe fiz, pois darei conta da situação.

Retorno à sala e pergunto-lhes o que se passa e a resposta é imediata:

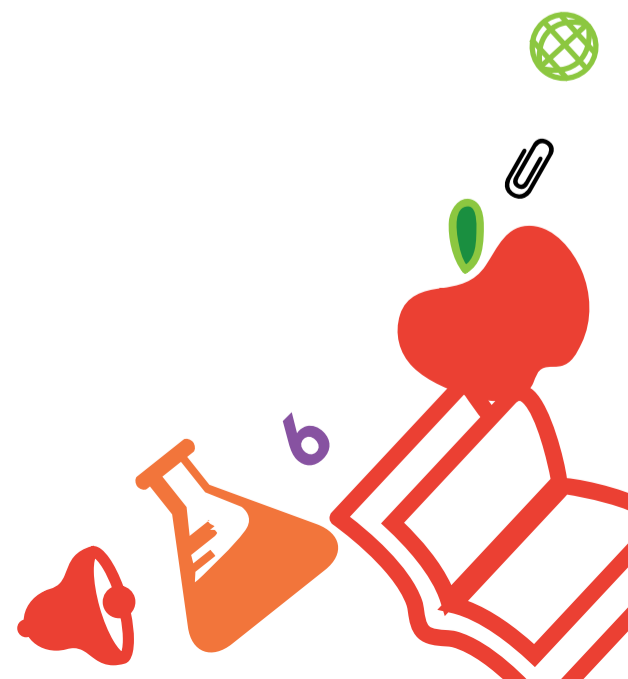
– Como a *stôra* é brincalhona, achámos que devíamos pregar-lhe uma partida!

Não é Carnaval e foi uma brincadeira irresponsável: eu poderia ter tido um ataque cardíaco, caído e morrido. Ninguém pensou nas consequências e as brincadeiras devem ser ajustadas às situações; aquela foi inadequada. Ordeno-lhes que saiam e vou ao Conselho Diretivo. Exponho a situação e riem-se também; foi merecida a brincadeira.

Por causa do esforço fico completamente de rastos. Não dou mais aula nenhuma. Vou para casa e paro a meio do caminho por não ser capaz de conduzir: choro até aliviar toda a tensão. E lá vou para casa.

Apesar de os castigar com disciplina militar durante mais de um mês, mesmo depois de acabadas as férias da Páscoa, reconheço que foram criativos e espontâneos. Continuo a considerar este episódio um dos mais interessantes da minha carreira.

Dália Botinas (Professora de Filosofia e de Psicologia)





XIV

O sonho da Constança

A Constança tem um sonho.

Um sonho que nasceu assim, pequenino e silencioso, como nascem os sonhos das crianças.

Todos os dias cresceu um bocadinho. Cresceu na sala de aula, quando o Diogo escrevia o O do nome na ponta da folha. Cresceu quando a Joana dizia que o Diogo não sabia fazer nada. Cresceu quando os desenhos do Diogo saíam da folha e se estendiam pela mesa fora. Cresceu no recreio, em todos os recreios, quando o Diogo passeava sozinho pelo pátio, alheio a tudo e a todos.

Quando chegava a casa, a Constança enroscava-se no sofá com a Francisca, a sua boneca preferida, ligava o Canal Panda e punha-se a sonhar. A mamã desconfiava que não eram os desenhos animados que bailavam nos olhos da Constança e perguntava:

– Sentes-te bem, filha?

– Sim, mamã – respondia ela, sem desviar os olhos das imagens imaginadas.

Um dia, o «Sim, mamã» veio acompanhado de duas lágrimas teimosas. A mamã deixou a Constança chorar, afagando-lhe o cabelo

e sussurrando-lhe carinhos. Com as lágrimas saíram as palavras, aquelas palavras que se foram formando no crescer do seu sonho: que o Diogo fosse igual a todos os outros meninos, que o O do seu nome fosse para perto do g, que os seus desenhos ficassem bonitos e coloridos dentro do seu caderno, que no recreio não houvesse mais passeios solitários... A mamã explicou à Constança que o Diogo é um menino autista, diferente, como diferentes são todos os meninos e meninas, porque todos são únicos. Únicos no seu crescer e sentir, únicos no seu aprender, únicos no coração dos outros... A Constança entendeu e, limpando as lágrimas, disse:

– Sabes mamã, eu gostava que o Diogo tivesse um caderno bonito, assim como o meu. Ele gosta muito do meu caderno, pega sempre nele e acaricia as folhas. Às vezes, dizem que o caderno do Diogo não está bem e eu sei porquê. É que o Diogo não cabe dentro dele.

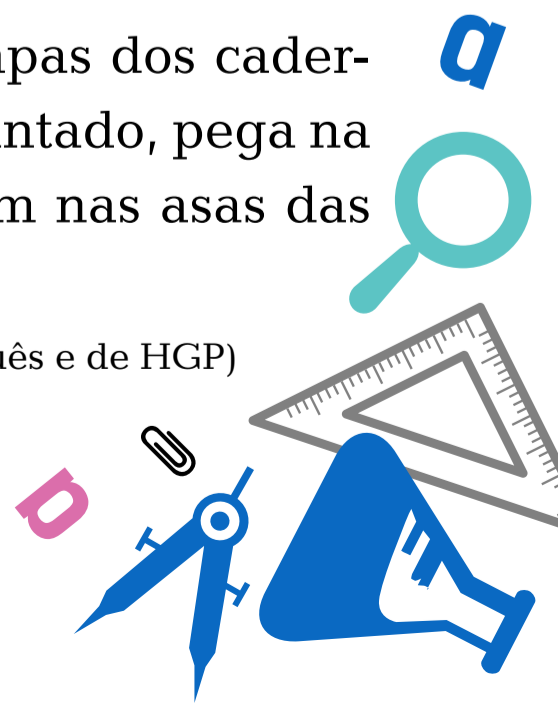
A mamã sorriu e, abraçando-a, propôs-lhe fazerem dois cadernos grandes: um para ela, outro para o Diogo.

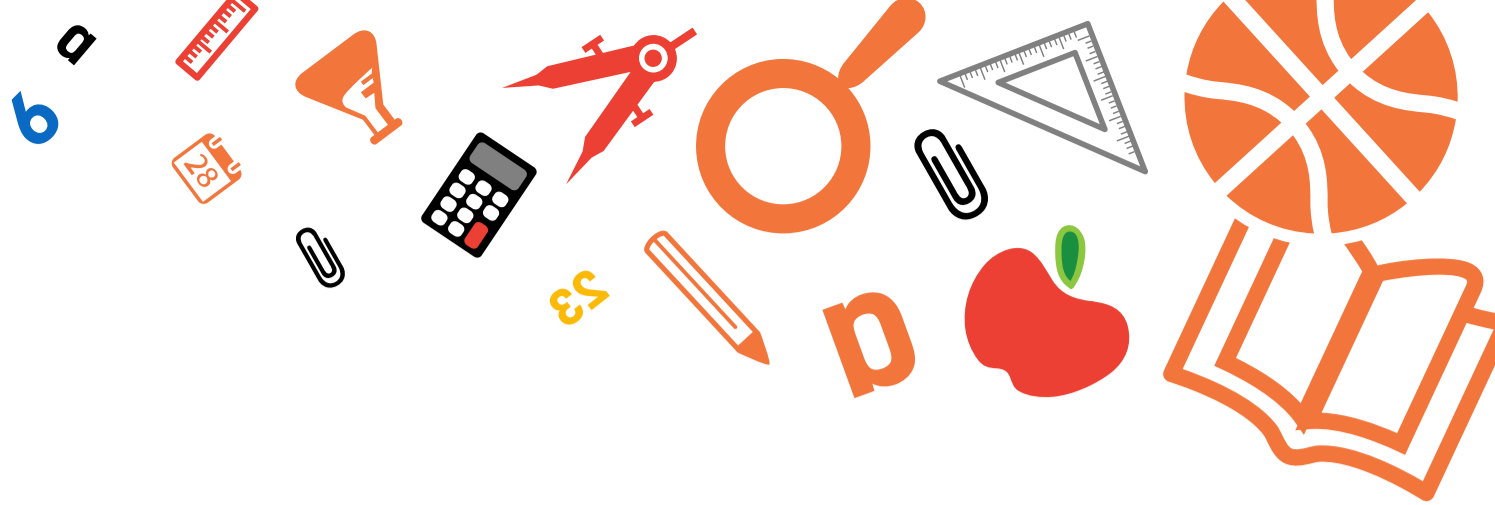
O Diogo adora animais e a capa do seu caderno é um oceano de golfinhos e peixinhos, tartarugas e corais, uma savana onde os leões correm atrás das zebras, uma montanha onde as águias fazem os ninhos, uma planície onde as borboletas pousam nas espigas do trigo.

A Constança também adora animais, mas o seu caderno é diferente. É rosa como os sonhos, amarelo como o Sol e tem a Polly e os amigos, um castelo e muitas fadas.

Agora, no recreio, sentados no chão, tocam nas capas dos cadernos. A Constança abre os portões do seu castelo encantado, pega na mão do Diogo e, juntos, correm pelos jardins e voam nas asas das borboletas.

Ana Mafalda Damião (Professora de Português e de HGP)





XV

Pais e filhos

Sou professor. Trabalho com uma matéria-prima complexa: delicada e resistente. Cada aula é uma sucessão de situações a exigir, ao mesmo tempo, calma e rapidez de resposta. Além disso, não se é professor só na sala de aula, nem sequer só na escola.

Ao longo de quase trinta anos de serviço, aconteceram situações muito diversas: umas dramáticas, outras caricatas; umas memoráveis, outras que apeteceria esquecer. Muitas mereceriam referência, mas deixem-me falar-vos de apenas três alunos e de três coisas que talvez não devesse ter feito, mas fiz.

1) A Mafalda foi minha aluna de Biologia no 12.º ano. No ano letivo 1988/1989, decorreu no Museu de Etnologia de Lisboa, no Restelo, «A Aventura Humana», uma exposição sobre a evolução da nossa espécie. Seria por volta do meio-dia quando chegámos às imediações do museu e deixámos o autocarro que aí ficou estacionado. A aluna pediu-me autorização para ir almoçar com o namorado que estava em Lisboa e eu dei-lha, lembrando-a da hora marcada para o reencontro e a hora de início da visita à exposição. Fomos todos almoçar e, à hora marcada, reunimo-nos à porta do museu, mas... faltava a Mafalda. Esperámos até à hora de visitar a exposição e

nada de a menina aparecer. No final da visita continuava a não haver sinais da Mafalda. Esperámos o mais que nos foi possível, com as turmas dentro do autocarro, que continuava exatamente no mesmo sítio desde a chegada, e decidimos partir, pois ainda tínhamos de fazer uma viagem de algumas horas. Há que salientar que, naquela altura, não havia os telemóveis que tão úteis podem ser neste tipo de situações. Com o grupo de professores, tomei aquela decisão pois considerei a aluna, já com 18 anos, única responsável pela falta que estava a colocar os colegas numa situação delicada. Chegámos à escola a horas impróprias.

Coube-me a mim a ingrata tarefa de comunicar o sucedido à encarregada de educação. Imaginem como se sentia um jovem professor de vinte e seis anos ao ir à casa da mãe dela, minha conterrânea, mas que eu não conhecia, explicar-lhe que tinha deixado a filha em Lisboa. Resposta pronta da mãe, algo transtornada:

– Já estava à espera duma coisa dessas.

Na segunda-feira seguinte, lá estava a Mafalda, como se nada tivesse acontecido.

2) No ano letivo seguinte, já na escola onde ainda hoje trabalho, calharam-me umas turmas do 8.º ano nada fáceis. Numa aula, os alunos entraram particularmente agitados e não havia jeito de acalmarem para se fazer um trabalho produtivo. Havia sempre alguém a relançar a confusão. Fui começando a aperceber-me de que um certo aluno, um dos grandalhões da turma, estava a escrever papéis e a colar nas costas dos colegas, com dizeres nada agradáveis. Fui falando e andando até ao fundo da sala. Quando me aproximei do Paulo, sem que se apercebesse da minha presença, ele estava a escrever um dos tais bilhetes. Fiz-lhe a vontade e dei-lhe um cachaco bem assente. A turma ficou espantada com a situação e eu... fiquei

assustado. Aquilo saíra-me sem pensar. O aluno, que já na altura era maior do que eu, ficou indignado e ameaçava queixar-se à diretora de turma e ao Conselho Diretivo. Aparentando estar cheio de calma, disse:

– Foi pedido por escrito. – Mostrei o papel onde se lia «Dá-me um cachaço» e continuei a aula.

Podia ter reagido de outra maneira? Podia mas não seria a mesma coisa. Acho que se deu um clique naquele dia: ganhei a turma e ganhei um amigo para a vida.

3) Este ano seria, de novo, diretor de turma do Simão, um aluno desmotivado e que iniciava o 11.º ano «coxo das duas pernas»: duas disciplinas com negativa no ano anterior. Numa delas, tinha tido oito para se poder matricular e, na outra, nem isso. Sempre usou como justificação para os seis a matemática, que teve nos três períodos do décimo ano, o facto de a própria mãe ter sido má aluna na disciplina. Além disso, sabia de uma situação da qual nunca teria tido conhecimento por mim... A mãe tinha-lhe contado como eu a tinha deixado, há anos, em Lisboa.

Procurei-os no restaurante da família. A Mafalda e o Simão acabaram por concordar que seria melhor ele mudar de curso. Terei feito bem em aconselhar a mudança de curso a um aluno que transitara e assim voltava um ano para trás? Os poucos meses passados fazem-me acreditar que sim. O Simão está a mostrar uma motivação que no ano anterior nunca lhe conhecemos.

Agora a minha filha está preocupada com a Ana. Elas são muito amigas, colegas na ginástica, nos escuteiros e colegas de carteira. A Joana vai-me contando das classificações negativas da Ana nas provas de avaliação em várias disciplinas. Falei com ela e espero que a conversa que tivemos a motive, senão ainda leva! Imaginasse

eu que fazia maravilhas como fez ao pai dela... mas não. Nem ela tem físico para isso, nem o pediu por escrito. Além disso, só apliquei a receita uma vez em quase trinta anos de aulas e a Ana nem é minha aluna, é só a filha de um amigo.

João Alberto Roque (Professor de Biologia e Geologia)





XVI

Mulher prevenida

Vou contar dois casos passados em eras diferentes, mas que me marcaram. Já lá vão alguns anos desde que isto me aconteceu, nos primeiros anos em que dei aulas. Foi demasiado importante, por isso lembro-me várias vezes.

No primeiro caso, dava aulas de Matemática de 5.º ano. Verifiquei que, comparando com os anos anteriores, os alunos eram muito pequeninos, tão queridos, vinham a correr assim que me viam e enchiam-me de beijinhos e abraçinhos. Quase me derretia ou reben-tava de tão cheia daquela animação.

Os alunos entraram na sala, acalmaram-se um pouco e eu a observar como eles eram pequenos, sentados nas cadeiras com os pés no ar, a fazerem um esforço para estarem direitos e os materiais arrumadinhos, de olhos muito abertos, à espera que eu começasse a falar. Comecei por orientar o trabalho que iriam fazer, depois, em pouco tempo, expliquei como se fazia e dei exemplos.

Enquanto fazia isto, fui escrevendo no quadro e pedi para os alunos passarem para o caderno. Como o quadro era muito grande, dividi-o em quatro partes, separando-as com um risco, e fui escrevendo. No final perguntei se já todos tinham passado para o caderno, mas

como havia alguns mais atrasados, esperei um pouquinho mais.

Depois perguntei se tinham dúvidas. Como não tinham, os alunos começaram a trabalhar em grupos de dois para resolverem problemas relacionados com o tema de que tinha falado. Mas havia uma menina (será que se chamava Rosa?) que estava na mesa mesmo à minha frente e que olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas que teimavam em ficar nos olhos e não caíam nem por nada. É claro que me assustei... Pensei logo que ou ela estava doente ou eu tinha dito alguma coisa que a fizera ficar naquele estado.

Aproximei-me dela com cuidado e perguntei-lhe: – Então, querida, o que se passa?

E ela respondeu-me, saltando lágrimas por todo lado: – Oh! Professora, aquilo não cabe aqui.

Foi então que eu vi o caderno dela, a folha A4, repito, uma folha do dossiê estava dividida em quatro partes tal como estava dividido o quadro e ela estava a passar com uma letra muito pequenina para caber tudo... Fiquei sem saber o que dizer... Como me senti culpada por não ter reparado logo no início, teria evitado aquele sofrimento.

A partir desta situação, tento sempre ver os cadernos diários dos alunos e ver o que estão fazendo. Hoje, o problema é que muitos não têm caderno, pedem folhas emprestadas e deitam-nas no lixo antes de sair da sala, outros têm o caderno como se fosse uma coleção de sumários e outros ainda não querem saber de nada... Que saudades tenho dos abraçinhos e beijinhos e da espera que os alunos faziam para me ouvirem.

Agora falemos do segundo caso, quando dava aulas à noite, Ciências e Matemática. As idades dos alunos variavam entre os 14 anos e os 50 e tal, ou mais. Nesse ano tentei animar os alunos do curso

noturno, fizemos muitas atividades, jogámos futebol, fizemos espetáculos, um grupo de *rock* compareceu e uma colega, que fez parte das Doce, participou também, como a voz dela era bonita! Uma aluna, que fazia parte do grupo coral do Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores do Metropolitano de Lisboa, conseguiu trazer o grupo e foi uma noite de pura magia.

Nas aulas de Ciências, fiz experiências, trabalhos em cartazes e, entre tantas atividades, aconteceu o inesperado. Para comemorar o Dia Mundial do Ambiente pensei em mostrar um vídeo interessante, nem imaginava como aquilo funcionava, mas perguntei à delegada de grupo disciplinar:

– Há aqui na escola alguma coisa interessante para mostrar no Dia Mundial do Ambiente?

E ela disse-me: – Ai! Filha, tenho uma cassete de vídeo muito gira, garanto-te que é muito boa. («Filha» porque eu era mesmo miúda e ela era muito senhora.)

Acreditei na delegada, pensei que não ia haver problema e nem cheguei a ver o conteúdo da cassete.

Um aluno arranjou a televisão, fez as ligações e começámos a ver a cassete. A imagem era ótima, o tema também tinha relação com o ambiente, uma vez que estudava uma comunidade de chimpanzés no meio selvagem e como as alterações do meio se refletiam nestes animais.

Tudo isto seria um filme sério, mas passou a ser uma comédia quando descobrimos que um dos chimpanzés, que era o mais irrequieto, vivaço, brincalhão, de excitação contagiante e desobediente, tinha o nome de Clementine. Infelizmente, eu também me chamo Clementina... Foi uma noite divertida e, como os alunos também tinham

algum sentido de humor, a situação não foi problemática, conseguimos no final fazer um debate sobre o que se tinha visto.

Com esta experiência aprendi que nunca se deve apresentar nada aos alunos, nem que seja a melhor coisa do mundo, sem antes a ver previamente.

Clementina Marques (Professora de Matemática e de Ciências Naturais)





XVII

Persistência

Há doze anos, por erro meu no concurso de colocação de professores, a minha vida deu uma volta inesperada: fui colocada em B., no Norte montanhoso, a centenas de quilômetros de distância de casa. Após lágrimas de raiva e desespero, por interromper estudos e projetos de vida que iniciara pouco tempo antes, lá fui até à nova escola, nova terra, novo tudo.

Encontrei uma escola desorganizada devido à mobilidade docente: todos os anos, mais de 90% dos professores aí colocados eram novos, contratados e vindos de todo o país. Todos os anos, era preciso começar tudo de novo. Um caos? Não! Curiosamente, o ambiente era tão bom que todos trabalhavam da melhor forma para resolver os problemas que surgissem. Às vezes, tenho saudades...

De entre os muitos alunos que me passaram pelas mãos, lembro com ternura duas irmãs gémeas, a A. e a O., alunas de Francês nível 3, numa turma de 7.º ano. Neste nível de estudos, havia poucos alunos inscritos, pelo que o grupo-turma era agradavelmente pequeno. Eram razoavelmente tímidas e sossegadas. Aos poucos, e porque a matéria fluía bem, passei a conhecê-las melhor. Viviam numa pequeníssima aldeia entalada entre montanhas, nesse Norte

a espreitar Trás-os-Montes, onde eram as únicas crianças. Estar na escola foi, para elas, uma luta imensa: alunas da telescola até ao 6.º ano, para poderem continuar a estudar precisariam de um transporte que, pura e simplesmente, não havia. Não se acomodaram e escreveram uma carta ao Presidente da República, o Dr. Jorge Sampaio, que a leu e se comoveu com o desejo das duas irmãs em continuar a estudar. Estabeleceu os necessários contactos e conseguiram obter transporte que as levasse até B. – a elas e a mais cinco ou seis miúdos da escola, também oriundos de outras aldeias tão isoladas como a delas.

À medida que os meses passavam, fui conhecendo um pouco melhor os gostos, sonhos e vivências destas adolescentes. Percebi que gostavam muito de estudar e tinham a ambição de prosseguir estudos, embora o futuro fosse uma incógnita: não sabiam se conseguiriam manter o transporte escolar após o término do 9.º ano.

Houve dois acontecimentos que me ligaram mais fortemente à A. e à O. Um dia, após terminarem as aulas, teriam de esperar mais três horas até que o jipe as fosse buscar. A A. estava cheia de febre, com uma gripe que tolhia aquele corpito alto e magro. A O. procurava ajudar a irmã o melhor que podia. Nem uma nem outra se queixaram ou pediram ajuda. Estavam habituadas a passar por dificuldades e privações e não seria um resfriado que as privaria de ir à escola. Tiveram aula comigo, a nossa última aula do dia. Ao ver a miúda tão doente, ofereci-me para as levar a casa. Disseram logo que não, que era muito longe e as estradas, péssimas. Eu estava mortinha por chegar a casa, após um percurso de 45 longos e sinuosos minutos e ainda pensei duas vezes, mas o lado bom venceu e levei-as mesmo a casa.

O caminho era, tal como me tinham dito, difícil, sem alcatrão nem

sequer um saibrozito para dar alguma consistência ao percurso. Além disso, tinha chovido havia poucos dias e a lama abundava. A dado momento, tivemos mesmo de parar para dar passagem a... um rebanho de ovelhas! Estas, nada intimidadas com o automóvel, passaram tranquilamente por nós, contornando-nos e observando-nos com curiosidade. Foi hilariante: comecei a cumprimentar as ovelhas e a saudá-las com as mãos, o que as fez rir e acalmou a preocupação que sentiam por me estarem a causar transtorno.

A partir de dado quilómetro, não foi possível continuar mais: a estrada estava completamente intransitável. A sua aldeia ficava a uns cem metros e, ao vê-la, tive um deslumbramento: era lindíssima, com meia dúzia de casinhas baixas, árvores e campos cuidadosamente cultivados e um ribeirinho que passava pelo meio!

As irmãs saíram do carro rapidamente, agradeceram-me com palavras simples e gestos contidos e fiquei a vê-las correr até entrarem em casa. O regresso foi feito com cuidado, para não me perder e não cair em algum buraco. Nos dias que se seguiram, a A. ficou em casa, mas recuperou bem e logo regressou.

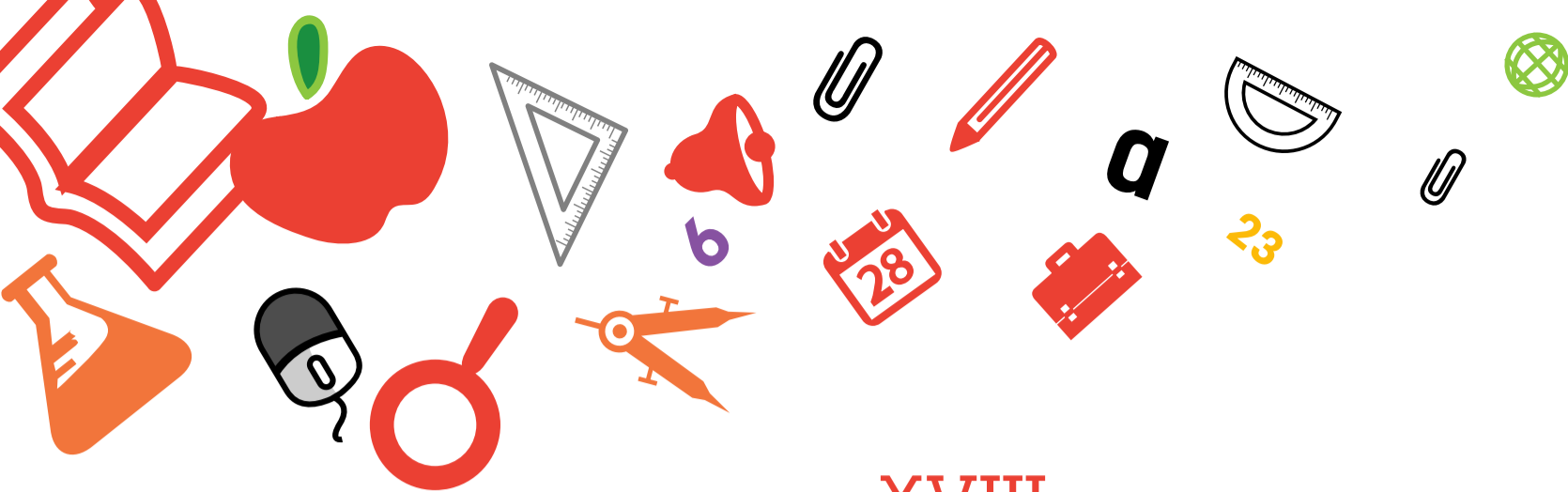
Passadas semanas, a televisão que, anos antes, noticiara a carta e o desfecho da mesma – eram famosas, as minhas alunas! – quis voltar a saber delas. Foram à escola e quiseram entrevistá-las mais a algum dos seus professores. O presidente do Conselho Diretivo convenceu-me a ser eu a dar a cara, pois até já sabia onde moravam e blá-blá-blá. Acabei por aceder e falei com o jornalista presente. Tive a minha estreia na televisão, vista por parentes e amigos, menos eu. Nunca me vi!

No final do ano, parti rumo a outra terra, outra dimensão, bem no sul do país. Continuámos, com maior ou menor regularidade, a escrever-nos. Que foi feito delas? Voltei a encontrá-las através do *Fa-*

cebook! Obtiveram bolsas de estudo e cursaram em Coimbra. São hoje duas mulheres bonitas e inteligentes e é com orgulho e emoção que as vejo – acredito que o futuro do nosso país estará sempre assegurado enquanto houver pessoas como elas.

Teresa Guerreiro (Professora de Português e Francês e Professora Bibliotecária)





XVIII

Jogo de cintura

Sou professora de Educação Física e iniciei o meu percurso no caminho do ensino em 1992. Esse ano vai ficar para sempre gravado na minha memória, não só porque foi a primeira vez que abracei integralmente o meu desejo de toda a infância e juventude, mas também pelo episódio que aqui vou narrar, que me fez repensar toda uma lógica vincada sobre o que seria o processo de ensino-aprendizagem e romper com uma tendência tradicional e autoritária à qual estava acostumada.

Em 1992, e por opção, pedi para fazer estágio numa escola da Covilhã. Devo dizer que nunca tinha estado nessa cidade e a única informação relevante que possuía era que a Covilhã era a porta de entrada para uma serra maravilhosa e que era uma cidade ainda muito rural. No fundo, desconhecia por completo a realidade que me esperava. Vivi sempre em cidades grandes e convivi com as realidades próprias e específicas dos meios mais urbanos, por isso encarei o iniciar de mais uma etapa na minha vida, longe daquilo que conhecia, como uma grande aventura, na qual teria de ter o máximo poder de encaixe e de jogo de cintura. E foi assim que comecei. E que me apercebi das grandes diferenças e obstáculos: meio fechado, dificuldade em me aceitarem, desconfiança porque vinha

da capital e devia ter a mania, algumas dificuldades em entender o dialeto local... Mas eu fui pouco a pouco diluindo a desconfiança com trabalho, com rigor, com amizade, com sinceridade e notava a cada dia que passava mais aceitação e mais valorização por parte das pessoas.

Estando em estágio, era responsável por lecionar duas turmas, uma do 7.º ano e outra do 10.º. A turma do 10.º ano era semelhante àquilo que hoje é uma turma do ensino profissional. Hoje em dia estaria mais do que acostumada ao perfil usual (mas não único) dessas turmas, mas naquela altura, sendo uma rapariguita de 22 anos, acabadinha de sair da faculdade com todas as teorias e certezas, tive logo uma vacina que me curou de qualquer futura maleita. Eram todos rapazes, quero dizer homens, pois tinham todos mais de 18 anos e alguns eram até mais velhos do que eu, a grande maioria não queria estudar; viviam em vilas e aldeias da zona, gostavam de rua, de terra, eram brutos, e por vezes agressivos, na socialização. Não que eu tivesse algum problema com o sexo oposto, até porque sempre fui maria-rapaz, mas a verdade é que senti logo no primeiro dia que tinha de conseguir impor respeito máximo para que uma experiência de sucesso expectável não se transformasse num desastre traumático para mim. A verdade é que, como tinha acontecido com a cidade, também com a escola e com as aulas a adaptação aconteceu.

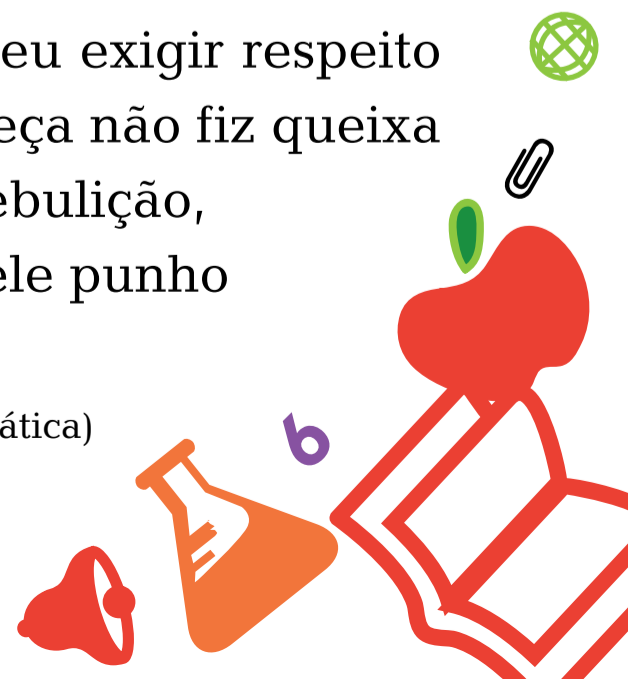
Tudo corria bem até que um dia um aluno que nunca me tinha causado problemas chegou cansado e sem vontade de trabalhar. Após muita insistência da minha parte, o aluno foi vestir o equipamento, mas passou grande parte da aula sentado, sem demonstrar o mínimo interesse na aula. Depois de ter passado a aula quase toda atrás dele («Mexe-te... faz lá isso... estás mesmo preguiçoso... olha que as aulas não são para dormir...»), a situação chegou a um ponto

de rutura em que o meu cansaço, as minhas crenças, o meu autoritarismo e a minha inexperiência se juntaram e me fizeram vomitar uma série de gritos e palavras agressivas contra o aluno. Em segundos, ele olhou para mim, com os olhos cheios de raiva, levantou-se e com o punho erguido dirigiu-se na minha direção. Instintivamente, desloquei-me para trás e acabei por ficar encostada à parede com o punho do aluno bem perto da minha cara. Por sorte, não costumo ser de ficar perdida em momentos de aflição e, com a maior calma que pude, perguntei ao aluno se era mesmo isso que ele queria fazer. Se queria estragar a vida dele daquela maneira.

Entre a minha reação, os colegas e o cair nele mesmo, o aluno afastou-se e começou a chorar. Eu também acalmei e quis saber por que razão um bom aluno, que nunca tinha feito nada e era um bom colega, tinha tido uma reação assim. Ele acabou por me dizer que vivia bastante longe da Covilhã e que tinha de apanhar o autocarro às 6h30. Durante o último mês tinha estado a ajudar o pai na quinta e trabalhava das 4h30 às 6h00. Chegava a casa às 20h30 e tinha ainda de estudar. Andava extremamente cansado e sem energia. Pediu-me desculpas sinceras.

E eu, no fundo, queria pedir desculpa por não ter sabido ver e ouvir uma história, como muitas outras, que me ensinava que todos os alunos são diferentes; que os mesmos sintomas não são a mesma doença; que eu ensino melhor e eles aprendem mais se os souber ouvir; que a disciplina e o rigor se devem misturar com a sinceridade e com a dedicação e acima de tudo que para eu exigir respeito também tenho de respeitar. Por estranho que pareça não fiz queixa do aluno e sempre que tenho outro momento de ebulição, lembro-me daquelas palavras mais duras e daquele punho fechado e tento utilizar outra estratégia.

Paula Rocha (Professora de Educação Física e de Expressão Dramática)





XIX

Professor solidário

Era mais um ano como muitos outros em que era colocado em mais uma nova escola! Esta ficava perto da beira-mar, numa zona com alguns pescadores. Enfim, tudo recomeçava com as mesmas dificuldades de adaptação, mas isso não era novidade para mim...

Comecei a lecionar e tudo corria normalmente, quando um dia vejo um menino de cadeira de rodas a entrar para uma sala ao lado da minha. Questionei os meus alunos sobre o que tinha o menino e eles disseram-me que tinha espinha bífida e que estudava no 3.º ano.

Passou algum tempo e eu tentei saber mais alguma coisa sobre o menino. Acabei por descobrir que eu dava aulas ao seu irmão mais velho. Falei com ele e soube que o menino precisava de uma cadeira de rodas nova porque estava a crescer e a antiga já não se adaptava ao seu corpo, mas que os pais não tinham condições económicas.

Nessa altura, resolvi falar com a diretora sobre o caso, que ela também conhecia, e disse-lhe que tinha de se fazer alguma coisa! Sugeri-lhe que podíamos fazer um peditório de tampinhas em toda a escola e ela disse-me que já tinham colocado um recipiente no bar e que a mãe do menino também andava a juntar, mas que eram

precisos muitos quilos de tampinhas para adquirir a cadeira de que tanto precisava!

Não fiquei quieto e fui falar da situação ao senhor padre da povoação. Ele ficou um pouco surpreendido porque conhecia a família, mas não sabia do problema que estavam a viver! Disse-me que também iria ajudar.

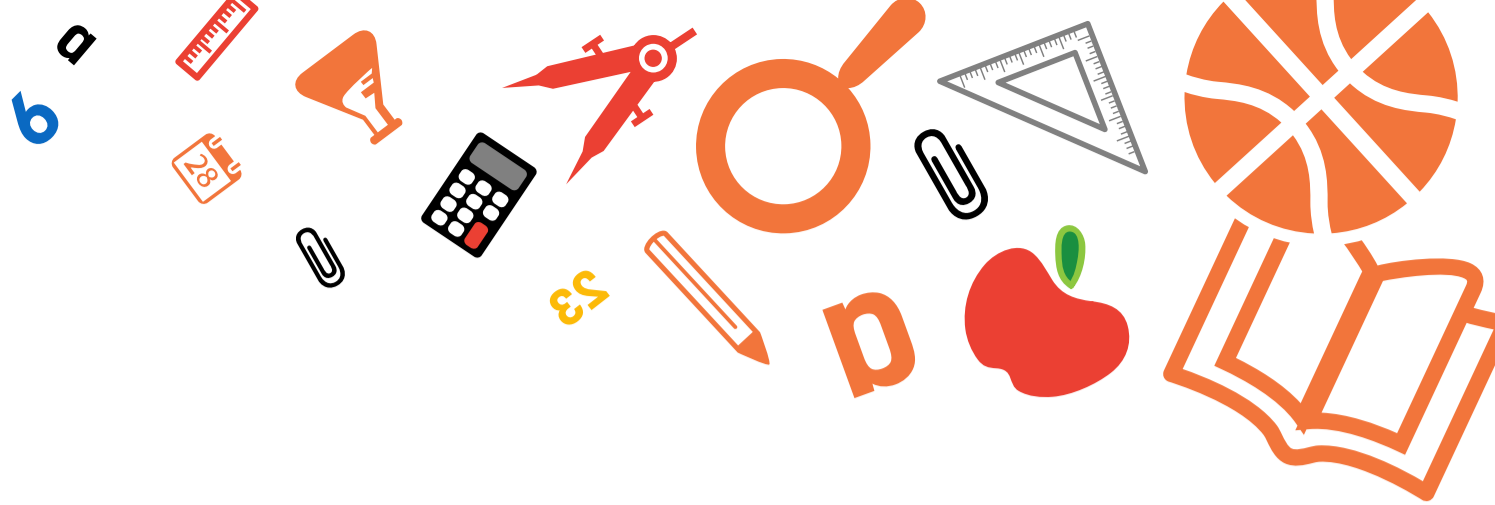
Em casa, cortei alguns garrafões, coleilhes um papel que dizia «Tampinhas para ajudar» e, com autorização da direção, coloquei-os na sala de aula, na sala dos professores e no bar só colei o papel. Nas aulas seguintes fui incentivando os meus alunos a trazerem tampinhas, ia-as recolhendo e entregava-as a uma pessoa que as dava à mãe do menino.

O tempo passou e eu fui colocado noutra escola em complemento de horário. Nessa escola, depois de ter contado o que se passava com o menino, pedi à direção autorização para levar as tampinhas da cantina para a outra escola. Tentei saber preços para a cadeira mas o valor era muito elevado por causa do assento especial que se adaptava ao seu corpo, devido à sua doença.

O ano escolar terminou e eu fiquei inscrito numa ação de formação para o ano escolar seguinte. Nessa ação, soube pela diretora que o menino já tinha a cadeira que foi conseguida com as tampinhas que a mãe foi juntando!

Luís Silva (Professor de Educação Tecnológica)





XX Na aldeia

No tempo em que eu era ainda uma jovem licenciada, cheia de sonhos e esperança no futuro e com a única experiência que adquiri em dois anos de trabalho, julgava-me muito conhecedora e senhora da minha sapiência. Afinal, pertencia aos 20 por cento dos sortudos que concluía um curso superior e, tal como agora, 20 anos depois, fora desterrada para um concelho do qual nada sabia.

Depois de passado o choque inicial, e de ter ultrapassado a hipótese de desistir, lá me meti no meu Fiat 500 com uma amiga, para me ir apresentar no último dia do prazo.

Com o porta-bagagens vazio de malas mas cheia de coragem, agarrei num mapa de estradas e parti de Vila Real às 10h em ponto. Disse à minha colega: – Vamos almoçar a Vouzela com o meu pai e seguimos no final de almoço.

Após o almoço, voltámos ao carro e começámos a rumar em direção a Castelo Branco, numa altura em que havia apenas a IP5 até à Guarda (a parte fácil do caminho!). Depois daí, começou a verdadeira caça ao tesouro por estradas mal sinalizadas, parcas de gente a quem perguntar, e sem outro GPS que não fosse a interpretação do mapa, provavelmente desatualizado. Encontrámos «Penha de má cor», finalmente, às 5h da tarde.

Ainda o Sol ia alto, mas, dado o avançado da hora, já ninguém no Conselho Executivo julgava ser possível que eu ainda me fosse apresentar. E, quando me dirigi à secretaria, as senhoras olharam para o relógio, deram-me uma quantidade de papéis para preencher e informaram-me do serviço já distribuído para a semana seguinte.

Ao verificar que tinha de voltar na semana seguinte e que teria de pernoitar, decidimos sair da escola em busca de uma casa ou de um quarto, com o mínimo de privacidade e conforto a que estava habituada. De desilusão em desilusão, lá acabei por alugar uma espécie de garagem transformada em T1 com apenas uma porta e uma janela. Ao voltar para Vila Real, a minha amiga comentou: «Aquela gente é meio esquisita; o sol deve ser uma coisa preciosa.», fazendo alusão à insistência no sol como argumento em todas as casas que vi. Mas eu só o entendi quando chegou novembro e, com ele, o vento vindo ora da serra da Estrela ora da serra da Malcata e da Gata.

Chegámos a Vila Real tarde, muito tarde, e senti vontade de me despedir de todos, prometendo que voltaria sempre que fosse possível, tal era o meu sentimento de desterro. Choradeiras e bebedeiras à parte, o facto é que na semana seguinte lá regressei a Penamacor para vigilâncias de exames e para reuniões de grupo. Só pensava: «Ainda faltam 9 meses, tenho de me habituar a isto.»

Quando as aulas começaram, muni-me do que julgava ser importante e, com passos firmes, avancei para a minha primeira apresentação. Do alto da minha grande sapiência, e dando-me ares de segurança, apresentei-me aos meus novos alunos: – *Hello, students. Welcome to the English class. My name is Paula Sousa but as we live in a democracy you may call me by my first name which happens to be Teacher!*

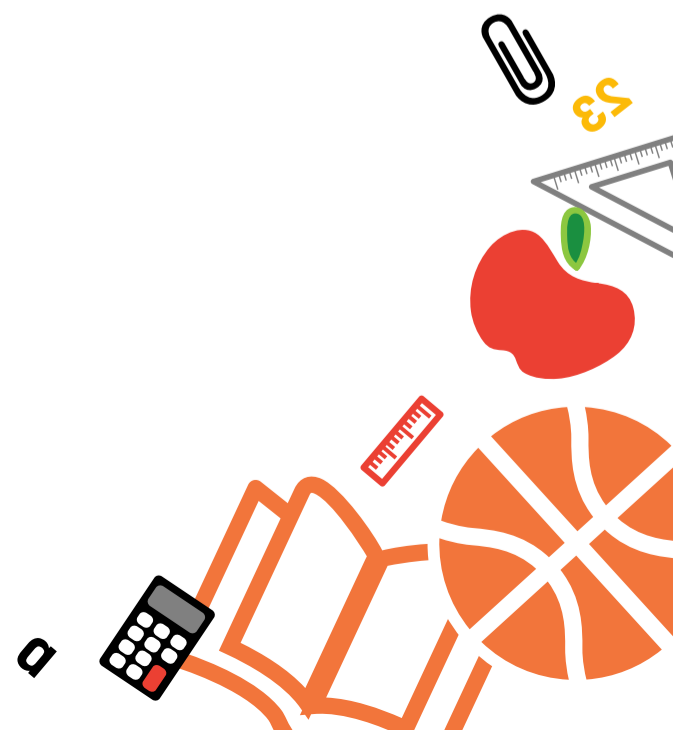
Olharam uns para os outros com ar de quem não tinha percebido nada do que eu dissera. E eu pensei, confesso que com desdém: «Pobrezitos, são mesmo do interior.» Mas isso não me demoveu e incentivei-os a apresentarem-se um a um em inglês, também para saber como se exprimiam. E eles, um a um, foram dizendo os nomes e de onde vinham. Frequentemente, utilizavam, no seu inglês muito pouco fluente, a palavra portuguesa «aldeia» que eu corrigia para «*village*». Terminadas as apresentações, e de forma eloquente, disse em português para que todos me entendessem: – Já percebi que a maior parte dos alunos desta turma vêm da aldeia e os outros são da vila, mas ser da aldeia ou da vila, para mim, não significa nada. Todos terão as mesmas oportunidades de aprender o mais que vos puder ensinar. Aliás, nem me interessa essa divisão... o que quero é saber o nome da aldeia.

Para meu espanto, um dos alunos informou-me que o nome da aldeia era «Aldeia»... a Aldeia do Bispo, para se distinguir da Aldeia de João Pires ou da Aldeia das Aranhas. Ter-me-ia atirado para um buraco se na sala houvesse algum, mas não perdi a pose. Já na sala de professores, comentei com os colegas que pertenciam ao quadro da escola e senti nos olhos deles, abertos de espanto, o que pensavam de mim: «Pobre menina sabichona que afinal não sabe nada.» Então, um dos meus colegas, maroto e a sorrir, disse-me: – Pois é! Futuramente, faz os TPC.

Quis o destino que eu permanecesse naquela escola vários anos. Não voltei a perguntar o nome da Aldeia! Mas, passados estes 20 anos, olho para essa grande lição que a vida me deu e, sempre que sou colocada num outro lugar, vou agarrar-me ao «Sr. Google» para ver quais são as freguesias do concelho para onde vou. Conto muitas vezes esta história por onde tenho passado. Naquele dia aprendi

com aqueles alunos que eu tinha, ainda, muito para aprender, e às vezes dou comigo sozinha a rir-me do meu ridículo e das coisas que não se aprendem nas universidades.

Paula Sousa (Professora de Inglês e Professora Bibliotecária)





XXI

Carla, professora de Português

Professor, palavra nobre que, diariamente, me faz enfrentar cada dia, por mais sombrio e vazio que seja, com a suavidade de uma pena e com os olhos cheios de estrelas.

Caminho de casa para a escola, aparentemente monótono... ouço a estação de rádio preferida, trauteando o refrão de uma música que insiste em não sair da memória, adivinhando-se o dia, feliz!

Chegada ao colégio: sorrisos espalhados em cada recanto; vozes cúmplices fundem-se com o acenar carinhoso entre pais e filhos; uma bola que voa sobre o recreio da pequenada; o «Bom dia» carregado da pureza de quem é criança, diretamente entoadado pelo coração.

A entrada na sala, qual palácio, qual castelo, transporta-me para a minha essência, para aquilo que sou, para o que sempre desejei fazer acontecer.

Às 8h30, manhã formada pelas lágrimas das árvores que beijam as folhas que caem, suavemente, nas folhas douradas do chão. Início a aula com um excerto de António Mota, cuja «Casa» é repleta de «Bengalas» e recordações que nos fazem crescer e repensar o mundo que formamos. Uma forma verbal entra pela aula, trazida por uma «Sementinha» curiosa, semeada por Alves Redol, e é imperativo clas-

sificá-la, encontrar a sua classe, para que possa descansar no caderno diário, vaidoso, organizado por temas, confidente de momentos, cravado de aparas de lápis que, por momentos, não seguiu o caminho correto. A dupla face do ensino-aprendizagem não será isto?

Um saboroso «Chocolate» anda, pela sala, à «Chuva», marcado em cada vidro da sala, que assiste à partilha de momentos, de obstáculos ultrapassados, de vitórias somadas, com dedicação e empenho. Passa o tempo...

Nova sala, nova turma, novos desafios: um homem colocado numa ilha deserta, à semelhança de Robinson Crusóé, é motivo para que os alunos se desprendam das mesas e das cadeiras e voem para o mundo da escrita criativa, sendo o que são e não são, sentindo, desenvolvendo a sua identidade literária. Comovem-me, essas viagens, pensando que estive, um dia, ao leme das mesmas, a traçar rotas, com um novelo de lã... Todavia, pronta para os deixar voar...

Hora de almoço! O som rítmico dos talheres, os sorrisos cúmplices... O jogo da macaca é preenchido por saltos alegres; o campo de futebol, palco de dramas, de foras de jogo, de cantos... Tudo faz parte do crescimento, há que enfrentar os desafios, aprender com as derrotas e ajudar a arbitrar o jogo que é a vida.

Um aluno, num banco escondido, encolhe-se, feito acento circunflexo. Vejo, observo, falo, conforto...

Carla, professora de Português.

Sim, respiro o que faço, sonho com cada excerto que analiso, vibro com cada recurso expressivo esboçado pelo autor. Festejo cada vitória, limpo as lágrimas, recomeço perante a derrota. Não será isso ser professor?

Ouçõ a campainha, é hora de partir!

Carla Alexandre (Professora de Português)





XXII

Tragédia no Douro

Sou educadora de infância num jardim de infância do concelho de Seia.

Esta história marcou-me de tal forma que já decorreram quase treze anos e ainda está bem viva na minha memória. Foi em 2001, em março, precisamente a seguir àquele dia.

Fui buscar o portefólio desse ano, que guardo com carinho no armário do meu gabinete. Lá está a notícia.

Tinha acontecido no dia 5 o trágico acidente na ponte de Entre-os-Rios. Os nossos sentimentos foram abalados pela tragédia. Os adultos conversavam, procurando culpados, pedindo responsabilidades. Neste vai e vem de informações, a televisão permaneceu ligada no jardim de infância. Foi-se explicando às crianças o que tinha acontecido.

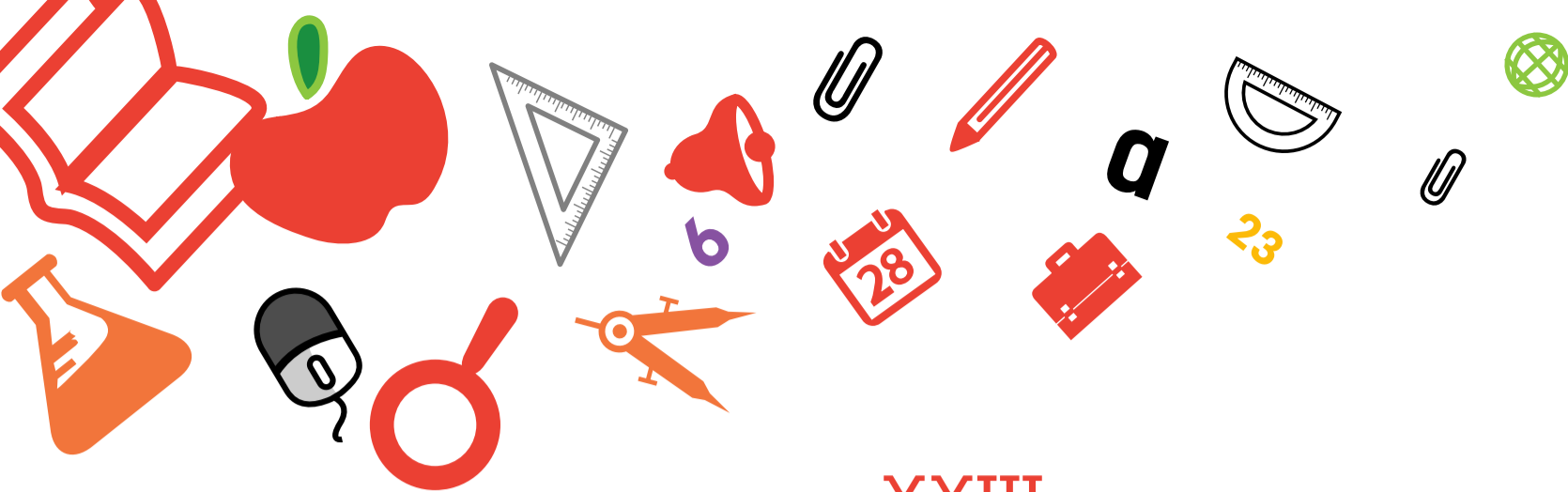
E, entre a catadupa de notícias, esquecemos-nos dos sentimentos dos pequenitos, de como estariam a sentir a tragédia. Não foi preciso perguntar-lhes, porque um pequenito (o Bruno, de cinco anos), numa atividade espontânea, dirigiu-se ao quadro existente na sala de atividades e com giz desenhou o seu sentimento. Desenhou a ponte desfeita, os automóveis e o autocarro a cair, as pessoas que

testemunharam o acidente, uma ambulância, um coração – o dele – e a bandeira de Portugal. O que ficou ali registado era tão intenso que resolvi registar em fotografia e elaborei um artigo que saiu no jornal escolar do agrupamento.

Treze anos depois, permaneço no mesmo jardim de infância. No ano letivo passado, o Bruno, já com dezoito anos, esteve no jardim a acompanhar um familiar na festa de Natal que ali se realizou. Ambos estivemos a recordar aquele acontecimento e ele disse-me que ainda se lembrava do que tinha sucedido naquela sala, naquele quadro.

Anabela Nunes (Educadora de Infância)





XXIII

Dona Mariana

A história que vou partilhar é em homenagem à minha primeira professora: a pequena GRANDE Dona Mariana.

O cuco e a poupa faziam-se ouvir a grandes intervalos, só os rouxinóis dialogavam sem fim, quando... Assim começaram muitas das minhas redações no 1.º Ciclo, pois esta foi a introdução que a minha querida professora, a Dona Mariana, me atribuiu para estimular a escrita. Nunca mais as esqueci. Nem a uma nem à outra.

Foram quatro anos, durante os quais a Dona Mariana me ensinou e muito. Com ela aprendi a ler e a escrever e ganhei o gosto pelo mundo da escola. Acolheu-me e incentivou-me com as suas estratégias.

As suas peças de teatro também me ficaram na memória. De um Natal ficou o «Bacalhau, ó bacalhau! Bacalhau onde está ele? Onde está esse marau, que era o amigo fiel? Bacalhau subiste tanto, ao preço que estás amigo, acredita não consigo nem ao teu rabo chegar...».

Alimentou o meu desejo de saber com os seus cartões verdes que eu tanto gostava de ganhar. Dessas conquistas ficaram alguns prémios (livros, jogos...) que ainda guardo com estima no meu baú de recordações, pois recordar é viver. O seu exemplo de professora

serviu-me de motivação para querer também eu ser professora, um dia. E assim foi. Sou professora desde 1993, ou seja, há vinte anos, com muito gosto.

Ao longo da minha vida de estudante, tive vários professores com estilos diferentes, uns esqueci, outros guardo na memória e no coração. A todos respeitei. A Dona Mariana é inesquecível. Foram quatro anos de convivência e aprendizagem com ela. Lembro-me da sua linda figura: tinha cabelo curto, liso e loiro. Por vezes, pintava-o de preto. Era baixa e magra, elegante e muito feminina. Tinha uma bonita voz inconfundível. Ainda a ouço.

A Dona Mariana está agora reformada. Ela foi do tempo da régua e da cana, mas não as gastou comigo. No entanto, lembro-me de uma vez em que me distraí e apanhei com a cana. Era um momento de estudo da gramática. Quando se virou para mim e disse «Luísa?», não me apercebi que queria que classificasse gramaticalmente a palavra e então respondi-lhe que o meu nome era Maria José...

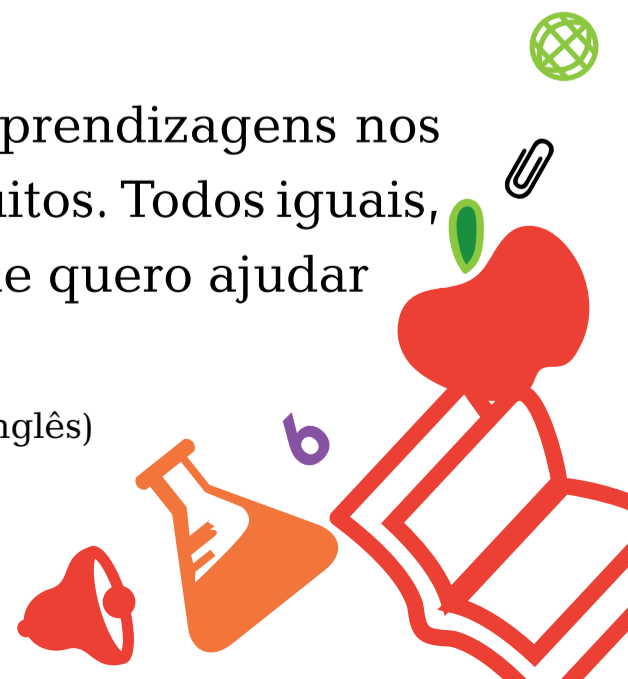
Eu gostava de aprender, mal chegava a casa queria imediatamente fazer os deveres. Era a melhor da turma e feliz por sê-lo.

Recordo com saudades os momentos em que formávamos roda na sala de aulas e dizíamos ou cantávamos a tabuada. Recordo as brincadeiras com jogos tradicionais no recreio: caçadinhas, escondidinhas, cabra-cega, elástico, macaca... Bons tempos!

Obrigada, Dona Mariana, consigo ainda poderia muito aprender. Quem sabe um dia ainda venha a revê-la...

Espero também eu deixar boas recordações e aprendizagens nos meus alunos, que ao longo destes anos já foram muitos. Todos iguais, todos diferentes, mas todos seres em formação que quero ajudar a CRESCER.

Maria Castro (Professora de Português e de Inglês)





XXIV

A grandeza da diferença

Era um dia de calor, muito calor! Era o Norte que virava Sul... Era eu, professora de Braga em terras de *Liberalitas Júlia*.

Eles entravam na sala de aula... dois a dois, três a três, um a um, e no final, depois de todos sentados, eram muitos, muitos alunos! E tão diferentes... Alguns tinham o cabelo rapado, outros comprido, outros verde ou com madeixas de cores vivas e vorazes... e as roupas exóticas e atentatórias eram largas e justas, escuras e muito escuras, com ou sem correntes, pulseiras, adereços metalizantes, brilhantes, cintilantes, num vai e vem exuberante de adolescente marcante. E assim, pouco a pouco, fui percebendo que os góticos, os *emos*, os *dreads* e tantos outros viviam e sobreviviam no meu pequeno mundo da diferença. Olhei, vi, observei, escutei e pensei:

– Quem são estes? De onde vêm? O que quererão da escola? Provocação? Protagonismo? Irreverência? Prontos e dispostos a quebrar regras, violar princípios, infringir normas e regulamentos... Só pode ser isso! – pensei, na certeza cartesiana de um *cogito* fechado em si.

Até que, envolta no espaço aéreo do meu pensamento, ouvi:

– Professora! Porque não faz o favor de se apresentar? É que ainda não sabemos o seu nome! – disse um aluno com mais argolas na orelha do que uma mulher padaung no pescoço.

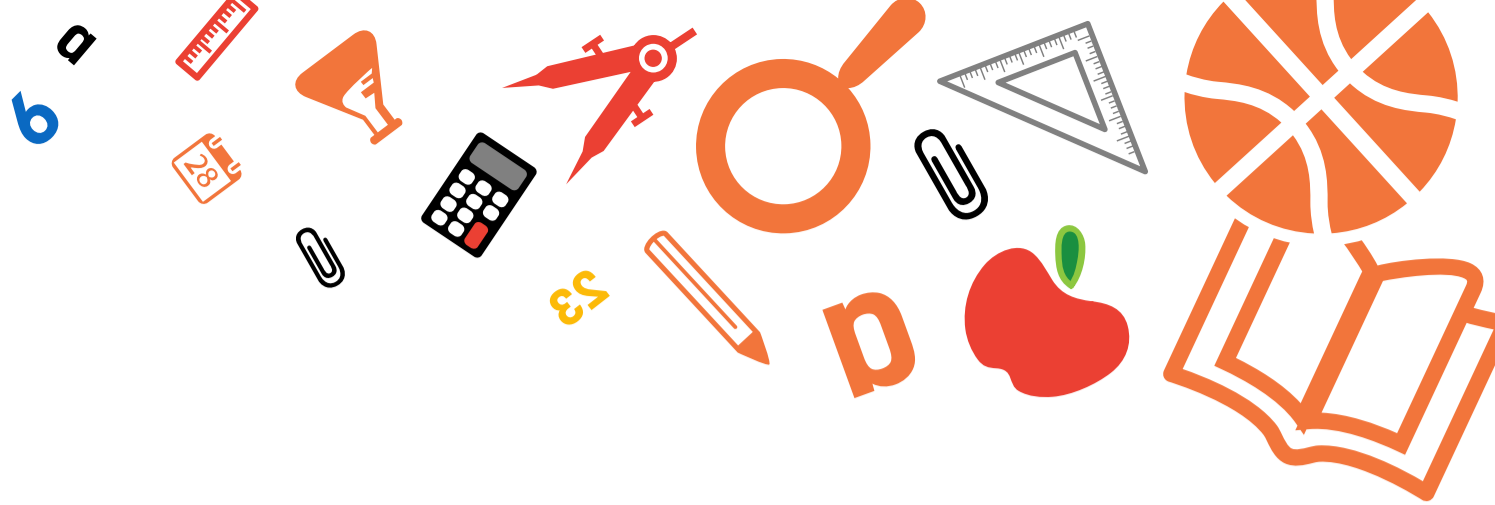
– Chamo me Isabel e venho de Braga – respondi com um sorriso entremeado.

– Bonito nome, numa bonita professora – ouvi com simpatia.

E foi naquela hora, naquele pequenino momento, naquele pequeno espaço que, num crescendo de amizade, respeito e tolerância, aprendi que eu, pedagoga do saber e do ser, escultora da pedra humana densa e dura, mensageira da verdade e dos valores, encerrava em mim mais, mas tantos mais, estereótipos e preconceitos do que todos aqueles que estavam diante de mim, na grandeza da sua diferença!

Isabel Sousa (Professora de Filosofia)





XXV

Luís Pedro (o Grande...)

Há muitas histórias a contar para quem está do lado de lá da secretária, para quem entra numa sala pintalgada com toda a variedade de expressões humanas: alegria, pasmo, indiferença, zanga, desapontamento, eu sei lá... Não tenho muito tempo de serviço, mas posso dizer que já estão esquecidas muitas caras, muitos tiques e trejeitos, no fundo, aquilo que faz com que cada aluno seja uma pessoa diferente das outras, mas tão semelhante. Ao mesmo tempo.

Que terá sido feito de toda aquela gente?

Lembro-me de um garoto: chamemos-lhe Luís Pedro. Tenho na memória um miúdo de olhos vivos, silencioso na sua matreirice e sorridente, muito sorridente. Era normal vê-lo nas minhas aulas de apoio, mais normal ainda era certificar-me da velocidade com que despachava os meus velhos problemas de Matemática, para desespero dos seus colegas.

Um dia... bem, um dia a chave da secretaria desapareceu, a última funcionária a sair a jurar que tinha ido almoçar sem já ter visto a dita chave. De tarde eram esperados muitos encarregados de educação para conhecerem as alterações nos processos dos seus educandos, e da chave... nada. Começou uma batida épica com todos os funcionários da escola (auxiliares, pessoal administrativo, professores e

até o diretor, o façanhudo do Dr. Coelho – de cognome «o Lebre»). O tempo passava, faltava pouco para tocar e para a secretaria abrir as portas impacientes. Às tantas, ouve-se a voz do Luís Pedro, os olhos cintilantes:

– Já procuraram naquele canteiro ali?

Inútil acrescentar que já não existia qualquer canteiro por lembrar havia muito tempo. Também inútil será informar que a bendita da chave lá estava, luminosa promessa de uma secretaria em funções. O pequeno «patife» deslizou tão discretamente quanto possível para o campo de jogos.

O que poderia acontecer ao Luís Pedro? O clássico recado para casa, a entrevista esclarecedora com uma encarregada de educação muito comprometida e embaraçada. Abalou com promessas de «puxar as orelhas» ao pequeno.

Esta história acabou por se guindar ao imaginário daquela escola, ombreando com outras de maior calibre até. O diretor deu ordens aos funcionários para que deitassem, tão discretamente quanto possível, um olho (ou mais) ao Luís Pedro. Durante o resto do ano letivo, o Dr. Coelho procurou proteger todas as áreas da escola (num processo a que, tecnicamente, se dá o nome de blindagem) das influências do Luís Pedro.

A meio do ano letivo seguinte, a funcionária veio avisar o senhor diretor de que tinha uma chamada da Direção Regional, uma tal Dra. Maria Velez. Estranhou, agarrou no telefone, e eis a conversa (como eu a imaginei):

– Dr. Coelho, como está? Daqui fala Maria Velez, da Direção Regional.

– Como está, senhora doutora?

– Dr. Coelho, tem aí um aluno chamado Luís Pedro Laranjeira Figueira?

No meio de tantos alunos, o Dr. Coelho conhecia o nome completo do Luís Pedro. E imediatamente ficou inquieto, a boca a secar-se-lhe, a certeza de que a blindagem não tivera qualquer efeito: – Mas o que se passa com esse aluno, Dra. Maria Velez?

– Bem, ele enviou-nos uma carta a queixar-se da qualidade e da quantidade da comida na cantina. Também referiu a dureza disciplinar da escola e referiu em particular a sua prática pedagógica, Dr. Coelho... Claro, estou a referir-lhe isto usando a terminologia pedagógica normal que nós, adultos, empregamos. O aluno usou um vocabulário apropriado para a sua idade.

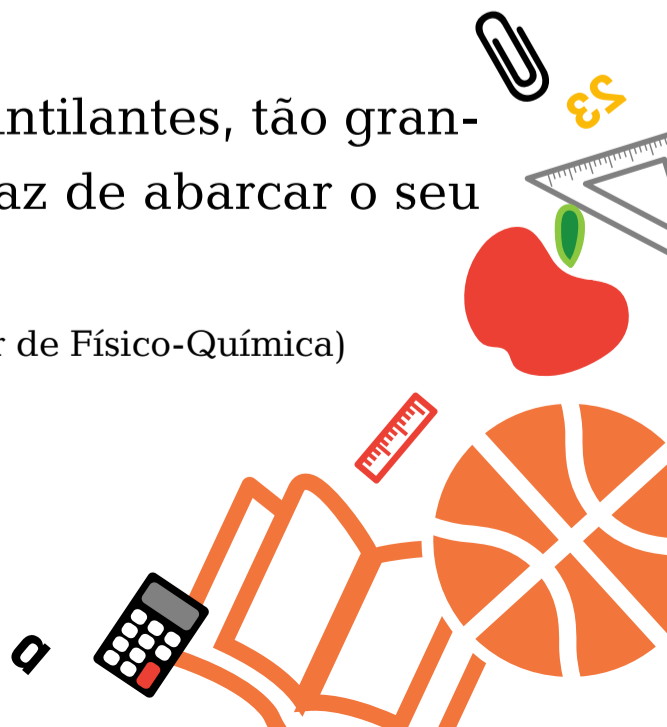
– Doutora, posso garantir-lhe que tudo não passa de uma enenação. Esse menino quer vingar-se de mim por ter chamado a mãe quando ele fez outras pequenas avarias aqui pela escola.

A voz de Maria Velez tornou-se dura de um momento para o outro retinindo, metálica: – Dr. Coelho, agradeço que tenha mão nesse aluno e que ele não volte a importunar-nos aqui na Direção Regional, senão da próxima vez não serei tão compreensiva! Passe bem!

O diretor deixou-se abater sobre a sua cadeira. «A partir de hoje», pensou, «já não haverá mais espaço, mais compreensão, mais seja o que for que proteja este meliantezinho.»

No entanto, os olhos de Luís Pedro eram tão cintilantes, tão grandes e o seu sorriso era tão matreiro que era capaz de abarcar o seu mundo simples...

Joaquim Gil (Professor de Físico-Química)





XXVI

Joaquim Calhau

Os primeiros dias de aulas já se tinham anunciado em sorrisos diversos tal como o verão prometia esgueirar-se sorrateiramente como era seu hábito, mesmo que persistisse no seu bom feitio, continuando ameno o semblante do tempo. Contudo, vislumbrava-se o desnudar da Natureza, a tristeza da vida e um travo cinzento no olhar das pessoas.

A escola erguia-se na encosta do Monte da Pedra, nas proximidades de uma alva e antiquíssima capelinha da Senhora da Pedra, erigida em cima de dois penedos e local de profunda veneração, peregrinação e devoção. A romaria acontecia em agosto. No derradeiro fim de semana. Durante o ano letivo a escola demorava-se por lá uma vez de vez em quando.

Hortelinda da Conceição acabara de sair do Magistério Primário, formando-se professora primária. Para garantir vínculo à função pública – assim a aconselharam – concorreu para o «cu de judas», tendo sido colocada na aldeia do Bem Te Avisei, mais precisamente no lugar do Monte da Pedra. A escola era de plano centenário, daquelas que Salazar disseminou pelo país, e de lugar único. Congregava dez alunos, pois a aldeia comportava pouca gente, mas tinha os quatro anos de ensino: cinco do quarto, três do terceiro, um do segundo e outro do primeiro ano.

Durante duas semanas faltou-lhe o *Calhau*, o Joaquim da Quinta do Eido. *Calhau* porque todos naquela aldeia tinham uma alcunha, ricos ou pobres, coisa que ela não entendia. E também não entendia a razão para o *Calhau* faltar durante tantos dias. Ainda perguntou aos alunos, mas em troca recebeu gargalhadas. E quando perguntou ao delegado escolar, um homem educadíssimo, assim era o senhor Felisberto, este limitou-se a mirá-la com um olhar sério, compenetrado e inquisidor e, como percebesse que a pergunta era genuína, limitou-se a um sorriso e a um «Deixe que um dia destes ele aparece». O que ainda mais a intrigou.

No dia em que o viu, chegou atrasada à escola. A Miquinhas Zanolha, a sua caseira, não lhe largava o pé e quase que teve de ser indelicada para terminar o arrazoado e ir à vida. Para seu espanto a sala estava sossegadíssima! E foi quando entreabriu a porta que o viu e o seu coração lhe caiu ao chão. Aquele jovem de vinte e vinte e dois anos! Da sua idade! Da idade dela! Era o *Calhau*! «Parecia um deus!», pensou Hortelinda.

Querem saber como terminou? Casaram-se. E vivem na Quinta do Eido.

José Carlos Silva (Professor de 1.º Ciclo)





XXVII

Canivete suíço

Foi um dia triste que terminou numa das maiores lições da minha vida e que dura até hoje. Era uma turma de meninos muito complicados nas suas relações, quer entre si quer comigo, e nesse dia foi muito intensa a confusão. Tinha, entre o grupo, um aluno que sempre se mostrava aliado das minhas dores e nesse dia não foi exceção.

A turma já tinha saído toda e eu arrumava a minha mesa, ao mesmo tempo que duas gordas lágrimas me corriam rosto abaixo.

O Kiko entrou porque se havia esquecido do gorro e parou perante a visão da minha tristeza, que eu tentei imediatamente disfarçar.

– Que tens, professora?

– Nada, meu querido, estou um bocadinho triste com os meninos mas isto passa já.

E ele a aproximar-se e eu a engolir ainda mais depressa as gordas lágrimas.

– Sabes, professora, tu fazes-me lembrar um canivete que o meu avô tem...

– Um canivete, Kiko?

– Sim, professora, o meu avô tem um canivete com muitas pecinhas

que servem para fazer muitas coisas e tu és assim, como o canivete dele, percebes? – e as lágrimas a saírem-me pela boca em forma de sorriso. – Às vezes és professora, mas outras vezes tens de ser amiga e outras enfermeira e outras um general, percebes?

E eu percebi. Como se finalmente tivesse percebido... E, desde então, nunca mais deixei de ser este mágico canivete, cheio de pechinhas prontas a serem utilizadas de acordo com a necessidade do momento!

Maria Marujo (Professora de 1.º Ciclo)





XXVIII

O segredo

Ao ter acabado o curso, fui lecionar (pela primeira vez) para a Escola Secundária de Loures. No primeiro dia, ia eu subindo a bela escadaria que dá acesso à zona principal do edifício quando oiço gritar:

– Ó menina! Menina! – Eu não pensei que fosse comigo e continuei a minha aventura. – Ó menina do vestidinho verde, aonde pensa que vai? Não sabe que esta entrada é só para professores?

Eu, muito atrapalhada, respondi: – Mas eu sou professora!

E, com os meus vinte e poucos anitos, lá fui, acompanhada, à secretaria.

Passada uma semana, tendo inúmeras turmas de todos os géneros de raças e cores (com quem adorei trabalhar), aconteceu outra façanha. Na aula da noite do Curso Complementar, com malta muito mais velha do que eu, na sua maioria, notaram que me sentia nervosa. O aluno mais gingão e brincalhão da turma questionou-me:

– O que se passa, professora? Parece que viu um fantasma.

Eu respondi: – Fechei o carro com as chaves na ignição. E agora? Lá tenho de ir de táxi para casa.

Na altura morava no Lumiar, mas o mais chato era o carro ficar na escola ou ter de se partir o vidro para o abrir, porque naquela altura

não existia o fecho centralizado. O João (nome fictício) levantou-se e disse:

– Professora, posso ir à casa de banho?

– Claro. – Passados dez minutos, o João voltou e eu disse-lhe: – Bem, João, deves ter ido à casa de banho do café central de Loures.

Ele limitou-se a rir e sentou-se. No fim da aula, estava eu a pensar com os meus botões, ele encostou-se à minha secretária, abriu a mão e colocou as chaves do carro dentro da minha mala. Eu fiquei com cara de parva... Como era possível?

– Partiste o vidro, lá teve de ser, não? – perguntei.

– Ó professora, acha-me com cara de totó? – disse ele.

– Então como o fizeste? – voltei a questionar.

Ele respondeu calmamente e cheio de orgulho:

– Foi só fazer um bocadinho de pressão no vidro e, com um arame preparado, saquei a chave da ignição.

Eu fiz mais uma cara, desta vez de estúpida, e perguntei:

– Em dez minutos? Eu nem numa semana o fazia!

– Dez minutos porque abri o carro, fechei o vidro e voltei a trancá-lo. Nenhum risquinho! – respondeu ele. – *Prof*, agora veja lá...

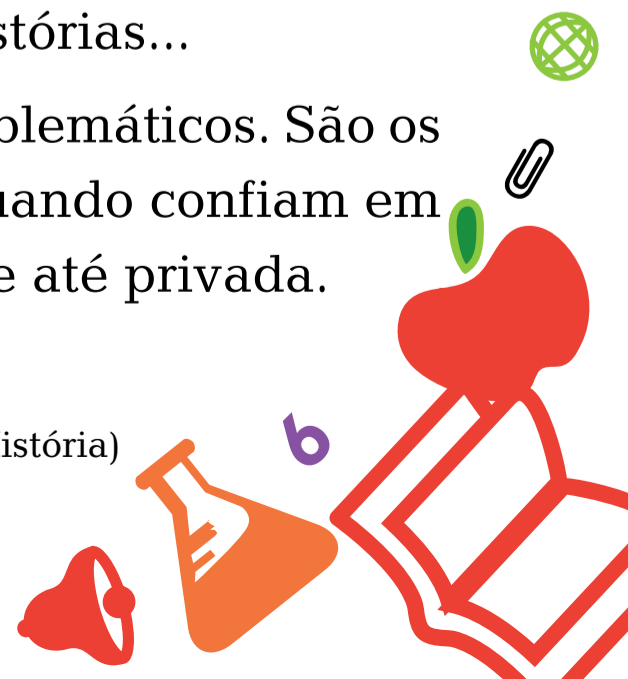
Eu percebi. Respondi-lhe: – Será o nosso segredo!

Foi um ano espetacular, quer de alunos quer de colegas. Adorei cada momento! Como esta tenho outras tantas histórias...

Gosto de tratar com os alunos mais difíceis e problemáticos. São os que nos dão luta e é um prémio que vencemos quando confiam em nós e nos deixam fazer parte da sua vida escolar e até privada.

Sou professora porque gosto.

Vicência Magalhães (Professora de História)





XXIX Plano C

Segunda-feira, sala de TIC, das 12h00 às 13h30, 8.ºA.

Era um dia lindo de chuva. A escola não conseguiu resistir. Meteu água. O quadro da eletricidade disparava continuamente. Dava erro no quadro 16-18. O quadro da minha sala.

A planificação de 7.º ano não tinha sido cumprida. Faltava o capítulo da internet. Estava tudo preparado para uma aula altamente tecnológica e interativa. Primeiro, os diapositivos estruturados numa interface apelativa, onde se definia o que era a internet, a www, os serviços... apelando à participação ativa dos alunos com os conceitos que eles tinham de internet. Depois, o grande final: usar a internet. Sem eletricidade...

Sem plano B preparado, só me restava o plano C: improvisar! E foi o que fiz. Revisão geral de todos os conceitos aprendidos no ano anterior, sem guião, mas com muita interação. Eu agia, os alunos reagiam e vice-versa. De repente, faltavam apenas 10 minutos para o término da aula. Avaliámos o plano C e fomos almoçar. Contentes?! Eu nem por isso!

O 8.º A é constituído por alguns alunos filhos de colegas e funcionárias. Depois do almoço, já nem me lembrava da aula, tanto era o

trabalho PTE⁽¹⁾. Numa rápida passagem pela sala dos professores a buscar uma caneta, chama-me uma colega:

– Sabes o que disse a minha filha?

– Quem?

– Sim, tua aluna do 8.º A. Perguntei-lhe como tinha sido a aula de TIC sem eletricidade.

– Ah?

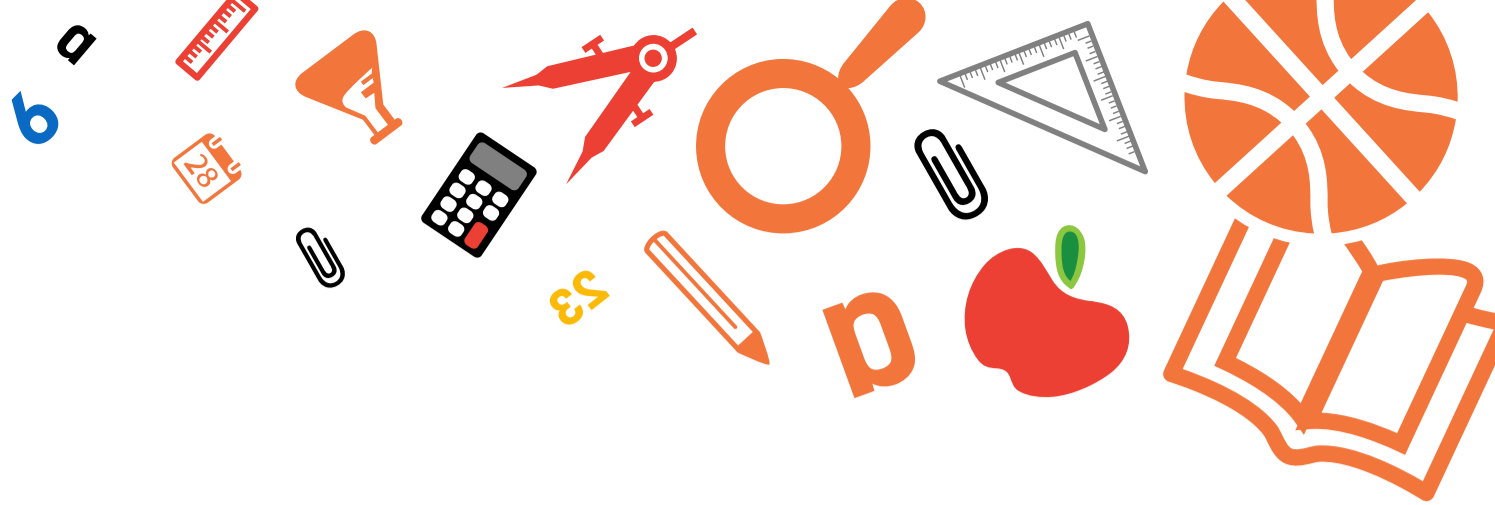
– «Ó mãe, não te preocupes que a tua colega *safa-se* bem! E temos de criar contas individuais para cada um de nós. Só uma das contas é que deve ser de administrador, para proteger o nosso PC.»

Final feliz!

⁽¹⁾ Plano Tecnológico de Educação.

Paula Porto (Professora de Informática)





XXX

Folhas caídas

– Hoje vamos escrever um texto a partir do título «Folhas caídas».

E todos escreveram. Uns mais, outros menos. A extensão não importava. Era preciso dar vida a um título que correspondia, sem o saberem, à poética de Almeida Garrett.

Já em casa, destaquei um texto surpreendente e inesquecível.

Li, reli, vezes sem conta. Cada vez que voltava ao texto, sentia algo estranho, perturbador... Não resisti. Era necessário perguntar e fi-lo. Quando entreguei a composição, pedi ao autor do texto (daquele texto de palavras escolhidas com emoções, com lágrimas retidas, com dor...) que me explicasse o porquê da sua *Árvore*, cujas folhas tinham caído todas e que ele colou uma a uma, até à queda mortal em que se viu.

Explicou-me que a sua *Árvore* era o seu pai que estava muito doente e cada uma das folhas a vida que era necessário ver prolongada... A queda dele próprio e correspondente morte nada mais eram do que a última tentativa de salvar um amor incondicional.

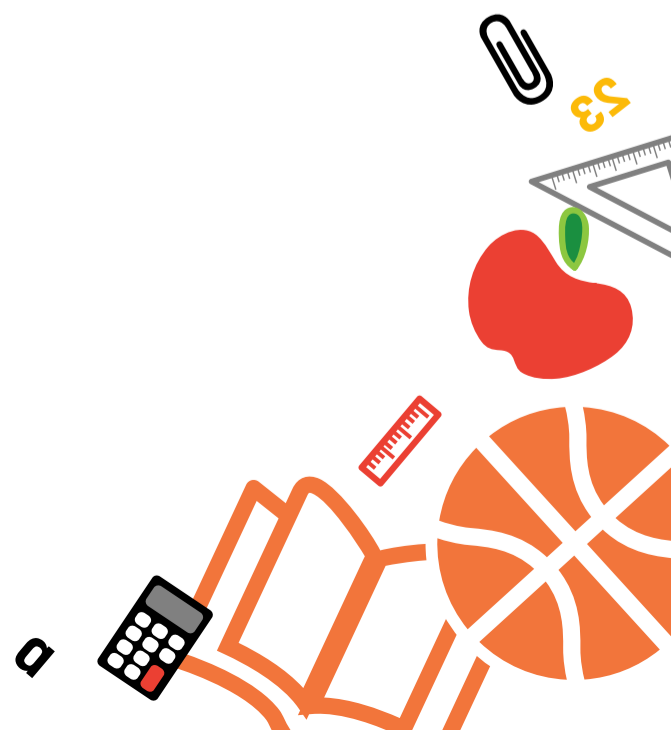
Quase fiquei emudecida...

A obra cujo título entregara às mãos dos meus alunos e que iriam

estudar imediatamente a seguir em nada se igualava ao drama humano daquele jovem, a precisar urgentemente de uma árvore com folhas e ramos que não representassem o outono, quase inverno da vida, mas uma primavera com cheirinho a verão... Ficou a memória daquele texto como uma lição para mim.

Eu era a professora e tinha de lhe atribuir classificação. Não havia erros, enganos, invenções, nem precisou de ser criativo... Excelente pessoa, texto de excelência. Nada mais havia a dizer. A vida é a melhor lição e as palavras surgem no mais íntimo de cada um em «Folhas caídas» que alguém, de algum modo, à sua maneira, tentará sempre aproveitar...

Fátima Pedro (Professora de Português e de Francês)





XXXI

Pastor por castigo

Meteu-se-me na cabeça deixar de estudar. Estava decidido!

Os companheiros que fizeram a instrução primária comigo faziam-me inveja, trabalhavam. Gozavam da liberdade das aves de arribação e da vitalidade dos ribeiros libertinos. Saíam à noite e não tinham de dar satisfações a ninguém. Folgavam com os amigos e botavam figura de cigarro ao canto da boca.

Eu, na escola, infeliz, escravo do toque de entrada, da malvadez dos professores e da prisão dos livros.

Não estudaria mais, estava decidido!

Decidir, decidira, o pior era publicar a decisão de cima dos meus verdes quinze anos... Havia que escolher o momento certo e mesmo assim... É que frustrar as expectativas de quem sonhava ver-me um dia doutor não era tarefa fácil!

Depois de muito pensar, encontrei a solução: aproveitaria um desses serões à lareira dos meus avós para ensaiar a empreitada. Se desse certo, tornar-se-ia mais fácil anunciá-la a meus pais.

Esperei a oportunidade. Uma noite, escura como breu, serviria de cenário. O paizinho e a mãezinha – como gostavam de ser chamados

– finalizavam o terço de todas as noites. O braseiro de carvalho já era só borralho. Espargia serenidade e conforto na grande cozinha fumada. A luz mortiça da candeia de petróleo criava um ambiente perfeito. A minha presença era muito estimada pelos velhotes, não só porque trazia notícias frescas da cidade, como também porque representava uma lufada de ar fresco nas suas vidas tristes. Entrei, dei as boas-noites e pedi a bênção ao meu avô, como era uso.

Sentei-me no escano de castanho a um canto. Deixei a conversa fluir até ao ponto que me convinha. Quando vi a maré boa atirei:

— Não quero estudar mais!

Não houve qualquer reação, isso deixou-me ansioso. A paz continuou a reinar. Temendo não terem percebido, voltei à carga com mais convicção:

— NÃO QUERO ESTUDAR MAIS!

Nada! E eu, sabendo do gosto dos velhinhos em me verem doutor, não percebia. A minha avó Carolina continuava a mexer calmamente o borralho com um guiço de giesta. O meu avô António aconchegava calmamente a almofada feita do capote que o acompanhou na Grande Guerra para se deitar no escano.

— Senta-te aqui, Gilinho! – forma carinhosa como me tratava o meu avô. – Vou contar-te uma história.

Ena pá, lá vou eu gramar com outra história da guerra, pensei eu.

Que nada! Com a voz calejada por setenta anos de experiência e canseira, assim me contou:

– Lá para os lados de Montalegre, em Perafita talvez, havia uma família de muitos teres e de grande lavoura que tinha um pimpolho a estudar para padre em Braga no Montariol. O filho era o orgulho e a esperança daquela casa, o menino dos olhos dos seus pais, fu-

turo conforto das suas almas e via rápida para o céu. Estava tudo combinado. No dia em que se ordenasse padre haveria de se fazer uma festa de truz. Banda de música, foguetório e um banquete para a freguesia toda. Havia de ser no Lameiro Grande, nas margens do Regavão, onde se estenderiam todas as brancas toalhas de linho do povoado. Dez vitelas e vinte recos seriam sacrificados e só para a doçaria estava já falada a camioneta de carga do Marinho para transportar o açúcar. Haveria de ser uma festa de arromba. Até o arcebispo Primaz haveria de estar presente!

»O moço ia benzinho no estudo a fazer fé no que afirmava o prior da terra que, aproveitando as férias, o avaliava no latinório. Concluía quase sempre que, sabendo as declinações, pouco faltaria para professor!

»Porém, um belo dia, no fim de umas férias grandes, não sei se por mor dalgum rabo de saia ou se por saudades da vida folgada, o rapazote declarou não querer regressar ao seminário. Dilúvio de lágrimas! Era a desgraça total!

»O pai não perdeu tempo a dar a notícia ao abade, que fez imediata questão de reunir o conselho de homens-bons da aldeia para encontrarem a solução. Podia lá Perafita perder a honra de ter padre nativo!? Podia lá ser!

»Encontraram-na: como o moço era muito novo, não havia mal que perdesse o ano. Havia tempo de se formar. Iria guardar as cabras do rebanho do pai durante um ano, para saber o que custava a vida!

»De bernal às costas, cajado na mão e acompanhado por um castro-laboreiro, lá levou o rebanho de centena e meia de cabeças para as faldas das Alturas. As cabritas, conhecedoras de atalhos e carreiros, desapareciam como diabos. O rapaz corria de um lado para o outro. Suava como um camelo. Não tinha paragem. Bufava, gritava,

desesperava. As pernas já não respondiam, o peito parecia a concertina do *Ti Malheiro*! Ah, vida maldita!

»Aproveitando dois minutos de sossego, alapou-se, enfim, num penedo, a roer um pedaço de broa e a pensar em voz alta: – Ah, cabras de mil diabos, quem vos guardará para o ano, que a mim já só me faltam trezentos e sessenta e quatro dias e o que vai daqui para a noite! Fez-se padre!»

Perdi toda a coragem para continuar a sustentar a minha decisão. No dia seguinte lá estava eu, todo contente, para assistir à aula das oito e meia!

O meu avô foi um santo!

Gil Santos (Professor de Economia e Contabilidade)



